

## Notas sobre nominalização

Noam Chomsky

### Tradução

Maurício Resende<sup>1</sup>

Gabriel de Ávila Othero<sup>2</sup>

### Nota dos tradutores

Primeiramente, gostaríamos de agradecer a Noam e Valéria Chomsky pela autorização gentilmente concedida para que pudéssemos realizar esta tradução e publicá-la neste dossiê temático de Morfologia do *Cadernos do IL*. Um agradecimento especial também ao parecerista/revisor anônimo desta tradução por sua leitura atenta e detalhista e também por suas sugestões e apontamentos.

O presente artigo, hoje clássico, originalmente publicado em 1970, é considerado um dos trabalhos mais importantes da Teoria Gerativa no século XX; em particular, pela reavaliação da teoria sintática à época e também pela apresentação da primeira formulação da Teoria X-Barra. Além disso, especialmente no que diz respeito à Morfologia, este trabalho é considerado clássico pela formulação da “posição lexicalista”, associada à justificativa para a criação de um *léxico gerativo* – um módulo responsável pela geração e computação da morfologia derivacional na arquitetura da Gramática. Seja como for, ainda que muitas das postulações deste trabalho tenham sido posteriormente revistas – e, até mesmo, superadas – ele ainda constitui uma das principais agendas de exemplos e de questões alvejadas por teorias de léxico, de morfologia e de sintaxe.

Além de uma tradução, tão fiel quanto possível, do texto original, nós oferecemos ao leitor alguns poucos facilitadores de leitura, tais como uma reavaliação dos recursos notacionais (adicionando o emprego de **VERSALETE**, por exem-

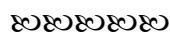
---

<sup>1</sup> Professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais, doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, mauricio.s.resende@gmail.com, ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7487-5043>.

<sup>2</sup> Professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, gabriel.othero@ufrgs.com, ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2060-6312>.

plo) e também a proposta de exemplos em português que sejam correlatos aos exemplos do inglês, em vez de serem simples “traduções”, ainda que os julgamentos de gramaticalidade do inglês, em relação aos correlatos em português, possam divergir. Para tanto, nós demos prioridade à preservação do significado dos exemplos e, por isso, dispusemos de recursos morfológicos e sintáticos nem sempre correlatos aos do inglês; como, por exemplo, equivalendo as estruturas gerundivas do inglês com orações infinitivas em português e traduzindo os sintagmas com genitivo possessivo por sintagmas introduzidos pela preposição *de*.

Ao final, esperamos que esta tradução se torne acessível a uma ampla gama de estudantes de graduação e pós-graduação que se interessam por Linguística Gerativa e, em particular, por Morfologia, Sintaxe e Semântica formais.



Para os propósitos deste artigo\*, eu vou admitir, sem questionamento, um certo arcabouço de princípios e vou explorar alguns dos problemas que emergem quando tais princípios são aplicados ao estudo de uma área central da sintaxe do inglês e, em princípio, de qualquer língua humana.<sup>3</sup>

Um indivíduo que aprende uma língua adquire um sistema de regras que relacionam som e significado de uma forma específica. Em outras palavras, esse indivíduo adquire uma certa competência que coloca em uso na produção e compreensão da fala. A principal tarefa da Linguística Descritiva é construir gramáticas de línguas específicas; cada uma delas busca caracterizar, de uma maneira precisa, a competência que foi adquirida pelo falante dessa língua. A Teoria da Gramática procura descobrir as condições formais que devem ser satisfeitas por um sistema de regras que se qualifica como a gramática de uma língua humana, os princípios que regem a interpretação empírica de tal sistema e os fatores que determinam a seleção de um sistema, da maneira apropriada, com base nos dados disponíveis ao aprendiz da língua. Essa “gramática univer-

---

\* Este trabalho foi, em parte, financiado pela Força Aérea dos Estados Unidos [Contrato ESD AF19(628)-2487] e pelos Institutos Nacionais da Saúde (Financiamento MH-13390-01).

<sup>3</sup> O arcabouço teórico pressuposto aparece discutido, em maiores detalhes, em uma série de publicações recentes, especificamente Katz & Postal (1964), Chomsky (1965) e referências citadas nesses trabalhos.

sal” (para alterar ligeiramente o uso tradicional desse termo) estabelece um esquema que define implicitamente a classe infinita de “gramáticas tangíveis”; essa gramática universal formula princípios que determinam como cada um dos sistemas relaciona som e significado; ela fornece um procedimento de avaliação para gramáticas com a forma apropriada. De forma abstrata – e sob uma idealização radical, mas bastante útil –, nós podemos, então, conceber o aprendizado de uma língua como sendo o processo de seleção de uma gramática com a forma apropriada que relaciona som e significado de uma forma consistente com os dados disponíveis, que recebe uma avaliação tão alta, nos termos da medida de avaliação, quanto qualquer outra gramática que satisfaça essas condições empíricas.

Vou admitir que uma gramática contém uma base que consiste em um componente categorial – vou supor que se trata de uma gramática livre de contexto – e um léxico. O léxico consiste em entradas lexicais, cada uma das quais é um sistema de traços especificados. O vocabulário não terminal da gramática livre de contexto é delineado a partir de um vocabulário universal e bastante limitado – alguns de seus aspectos serão considerados a seguir. A gramática livre de contexto gera marcadores sintagmáticos, com um símbolo posição como um dos elementos terminais. Um princípio geral de inserção lexical permite que as entradas lexicais substituam esse símbolo, de formas determinadas, pelos traços que ele contém. O objeto formal construído desse modo é uma ESTRUTURA PROFUNDA. A gramática contém um sistema de transformações, cada uma delas mapeia marcadores sintagmáticos em marcadores sintagmáticos. A aplicação de uma sequência de transformações a uma estrutura profunda (em conformidade com certas condições universais e com certas restrições particulares da gramática em questão) determina, em última análise, um marcador sintagmático, que nós estamos chamando de “ESTRUTURA SUPERFICIAL”. A base e as regras transformacionais constituem a sintaxe. A gramática contém regras fonológicas que atribuem a cada estrutura superficial uma representação fonética, em um alfabeto fonético universal. Adicionalmente, ela contém regras semânticas que atribuem uma interpretação semântica a cada pareamento entre estrutura profunda e estrutura superficial gerado pela sintaxe, em princípio, em uma semântica universal, a respeito da qual se sabe pouca coisa em detalhe. Além disso, eu vou admitir que as relações gramaticais são definidas de uma forma geral em termos

das configurações dentro dos marcadores sintagmáticos e que a interpretação semântica envolve apenas aquelas relações gramaticais especificadas nas estruturas profundas – embora possa envolver também certas propriedades das estruturas superficiais. Neste trabalho, eu vou me deter primordialmente em problemas de sintaxe; está claro, porém, que ponderações sobre fonética e semântica oferecem condições empíricas de adequação que devem ser satisfeitas pelas regras sintáticas.

Como qualquer um que tenha estudado relações gramaticais em detalhe bem sabe, uma gramática é um sistema estritamente organizado: uma modificação em uma parte envolve normalmente modificações generalizadas em outras. Eu vou aceitar tacitamente vários pressupostos a respeito da gramática do inglês, mantendo certas partes constantes e lidando com questões que emergem relativamente a propriedades de outras partes da gramática.

Em geral, espera-se que o enriquecimento de um componente da gramática vá permitir a simplificação de outras partes. Assim, certos problemas descritivos podem ser tratados por meio do enriquecimento do léxico e da simplificação do componente categorial de base, ou vice-versa; ou por meio da simplificação da base à custa de uma maior complexidade das transformações, ou vice-versa. O equilíbrio entre os vários componentes da gramática é um problema integralmente empírico. Nós não temos nenhuma clarividência apriorística acerca das “relações de negociação” entre as várias partes. Não há nenhuma ponderação de caráter geral que resolva essa questão. Em particular, não faz sentido olhar para o procedimento de avaliação procurando a resposta correta. Em vez disso, o procedimento de avaliação deve, ele próprio, ser selecionado com base em fundamentos empíricos de modo a oferecer uma resposta correta, qualquer que ela seja. Seria puro dogmatismo sustentar, sem evidências empíricas, que o componente categorial, o léxico ou o componente transformacional deveriam ser restringidos de forma estrita por condições universais, sendo a variedade e a complexidade da língua atribuídas a outros componentes.

Evidências essenciais não são fáceis de serem obtidas, mas não pode haver dúvida a respeito do caráter empírico da questão. Além disso, frequentemente é possível obter evidências que são relevantes para a escolha correta de uma medida de avaliação e, logo, indiretamente, para a decisão correta quanto a varie-

dade e complexidade que a gramática universal permite nos vários componentes da gramática.<sup>4</sup>

Para ilustrar o problema em um caso artificialmente isolado, considere palavras tais como *feel* ('sentir') que, na estrutura superficial, tomam sintagmas predicativos como complemento. Assim, nós temos sentenças como (1).

(1) John felt angry (sad, courageous, above such things, inclined to agree to their request, sorry for what he did, etc.).

‘João se sentiu furioso (triste, corajoso, acima de tais coisas, inclinado a concordar com o pedido deles, arrependido pelo que tinha feito etc.)’

Nós podemos introduzir essas expressões na gramática do inglês de várias formas. Podemos estender o componente categorial de base, permitindo estruturas da forma SINTAGMA NOMINAL-VERBO-PREDICADO e especificando, no léxico, *feel* ('sentir') como um item que pode aparecer em posições pré-predicativas nas estruturas profundas. Podemos, alternativamente, excluir da base tais estruturas e tomar as estruturas profundas como sendo da forma SINTAGMA NOMINAL-VERBO-SENTENÇA, em que a estrutura subjacente *John felt* [<sub>s</sub> *John be sad*]<sub>s</sub><sup>5</sup> ('João sentiu [<sub>s</sub> João estar triste]<sub>s</sub>') é convertida em *John felt sad* ('João se sentiu triste') por uma série de transformações. Restringindo-nos a essas alternativas pelo bem do exemplo ilustrativo, observamos que uma abordagem estende a base, tratando *John felt angry* ('João se sentiu furioso') como uma expressão SN-SV-Pred, *grosso modo*, análoga a *his hair turned gray* ('seu cabelo ficou grisalho') ou *John felt anger* ('João sentiu raiva') (SN-V-SV), enquanto uma segunda abordagem estende o componente transformacional, tratando *John felt angry* como uma expressão SN-V-S análoga, *grosso modo*, a *John believed that he would win* ('João acreditou que venceria') ou *John felt that he was angry* ('João sentiu que estava furioso'). Ponderações apriorísticas não nos fornecem

---

<sup>4</sup> Desnecessário dizer que qualquer evidência específica deve ser interpretada dentro de um arcabouço teórico fixo de assunções – elas próprias passíveis de questionamento. Porém, a esse respeito, o estudo da linguagem não é em nada diferente de qualquer outra investigação empírica.

<sup>5</sup> Doravante, eu vou empregar os colchetes rotulados para indicar estruturas em marcadores sintagmáticos; uma expressão da forma X [<sub>A</sub> Y]<sub>A</sub> Z significa que a categoria A é atribuída à sequência Y na sequência XYZ.

nenhuma clarividência acerca de qual dessas abordagens está correta. Não há, em particular, nenhum conceito apriorístico de “avaliação” que nos informa se é mais “simples” (em um sentido absoluto) complexificar a base ou o componente transformacional.

Há, entretanto, evidências empíricas relevantes, a saber, com relação à interpretação semântica dessas sentenças.<sup>6</sup> Sentir-se furioso não é necessariamente sentir que alguém está furioso ou sentir-se furioso [ou seja, sentir a si mesmo]; o mesmo raciocínio se aplica a outras expressões predicativas que aparecem em sentenças como (1). Se nós estivermos corretos em supor que são as relações gramaticais da estrutura profunda que determinam a interpretação semântica, conclui-se que a estrutura profunda de (1) não deve ser da forma SN-V-S e que, de fato, a solução correta é estender a base. Evidência complementar proveniente da sintaxe é que muitas sentenças da forma de (1) aparecem com aspecto progressivo – *John is feeling angry* (‘João está se sentindo furioso’) assim como *John is feeling anger* (‘João está sentindo raiva’) etc.–, mas não as sentenças correspondentes da forma SN-V-S – *\*John is feeling that he is angry* (‘João está sentindo que está furioso’). Essas pequenas instâncias de evidências sintática e semântica sugerem, portanto, que o procedimento de avaliação deve ser selecionado de tal forma a preferir a complexificação da base à complexificação do componente transformacional em um caso como este. Naturalmente, essa hipótese empírica é extremamente forte; o procedimento de avaliação é parte da gramática universal e, se determinada com precisão, essa proposta vai ter efeitos de larga escala sobre as gramáticas de todas as línguas, efeitos que devem ser testados diante de evidências empíricas exatamente da forma como no caso recém-mencionado.

Este artigo se deterá em um outro exemplo do mesmo tipo de generalidade, um exemplo que é muito mais essencial para o estudo da estrutura do inglês e da teoria linguística como um todo.

Dentre os vários tipos de expressão nominal do inglês, existem dois que são de particular importância – cada um deles, *grosso modo*, de forma proposi-

---

<sup>6</sup> Há uma série de observações sugestivas sobre essa questão em Kenny (1963).

cional. Assim, correspondentes às sentenças em (2), nós temos as nominalizações gerundivas em (3) e as nominalizações derivadas em (4).<sup>7</sup>

- (2) (a) John is eager to please.  
      ‘João está ansioso para agradar’  
      (b) John has refused the offer.  
          ‘João recusou a oferta’  
      (c) John criticized the book.  
          ‘João criticou o livro’
- (3) (a) John’s being eager to please  
      ‘João estar ansioso para agradar’  
      (b) John’s refusing the offer  
          ‘João recusar a oferta’  
      (c) John’s criticizing the book  
          ‘João criticar o livro’
- (4) (a) John’s eagerness to please  
      ‘a ansiedade de João para agradar’  
      (b) John’s refusal of the offer  
          ‘a recusa de João da oferta’  
      (c) John’s criticism of the book  
          ‘a crítica de João ao livro’

Já foram notadas muitas diferenças entre esses dois tipos de nominalização. As diferenças mais surpreendentes têm a ver com a produtividade do processo em questão, a generalidade da relação entre a nominalização e a proposição associada e a estrutura interna do sintagma nominal.

As nominalizações gerundivas podem ser formadas de maneira bastante livre a partir de proposições da forma SUJEITO-PREDICADO, e a relação de significado entre a nominalização e a proposição é bastante regular. Além disso, a nominalização não tem a estrutura de um sintagma nominal; assim, não podemos substituir *John’s* (‘de João’) por algum determinante – como, por exemplo, *that*

---

<sup>7</sup> A discussão mais completa deste tópico e de outros relacionados está em Lees (1960), em que eu me baseio de forma livre.

(‘aquele’), *the* (‘o’) etc. – em (3), nem podemos inserir adjetivos nas nominalizações gerundivas. Estas são precisamente as consequências que, sem elaboração ou modificações, decorrem do pressuposto de que a nominalização gerundiva envolve uma transformação gramatical a partir de uma estrutura subjacente do tipo sentencial. Nós podemos assumir que uma das formas do SN introduzido por regras do componente categorial de base é (5) e que as regras gerais de inserção do afixo geram as formas superficiais da nominalização gerundiva, geradas de forma livre.<sup>8</sup>

(5) [s SN *nom* (Aspecto) SV]s

A interpretação semântica de uma nominalização gerundiva é bastante direta, em termos das relações gramaticais da proposição subjacente na estrutura profunda.

As nominalizações derivadas, tais como em (4), são muito diferentes em todos esses aspectos. A produtividade é muito mais restrita, as relações semânticas entre a proposição associada e a nominalização derivada são bastante variadas e idiossincráticas, e a nominalização tem a estrutura interna de um sintagma nominal. Eu vou comentar esses pontos na sequência. Eles levantam a questão de se as nominalizações derivadas estão, de fato, transformacionalmente relacionadas às proposições associadas. A questão, então, é análoga àquela levantada anteriormente a respeito do estatuto de verbos como *feel* (‘sentir’). Nós podemos estender as regras de base para acomodar diretamente as nominalizações derivadas – vou me referir a isso como a “posição lexicalista” – simplificando, assim, o componente transformacional. Alternativamente, nós podemos simplificar as estruturas de base, excluindo essas formas, e derivá-las por meio

---

<sup>8</sup> Neste ponto, eu sigo a proposta de Chomsky (1965, p. 222) de que as regras de base fornecem estruturas da forma SN-Aux-SV, com “Aux” analisado como Aux<sub>1</sub> (Aspecto), sendo Aux<sub>1</sub> posteriormente analisado ou como Tempo Verbal (Modal) ou como algum dos vários elementos nominalizadores, e Aspecto sendo analisado como [PERFEITO] e [PROGRESSIVO]. Formações como \**John’s being reading the book* (‘João estar lendo o livro’) – mas não *John’s having been reading the book* (‘João ter estado lendo o livro’) – são bloqueadas por uma restrição contra certas sequências *-ing* (‘-ndo’) + *-ing* – compare \**John’s stopping reading* (‘João parar de ler’) e *John’s having stopped reading* (‘João ter parado de ler’) etc. Assim, Tempo Verbal e Modal – mas não Aspecto – estão excluídos das nominalizações gerundivas. Nada na sequência deste trabalho depende da forma exata das regras para nominalizações gerundivas, mas acredito que uma boa argumentação pode ser construída para essa análise.



de alguma extensão do aparato transformacional – a “posição transformaciona- lista”. Como no exemplo ilustrativo discutido anteriormente, não há nenhuma intuição apriorística a respeito da gramática universal – especificamente, sobre a natureza de uma medida de avaliação – que dá sustentação a essa questão, que é puramente empírica. O problema é encontrar evidências empíricas que dão suporte a uma ou a outra alternativa. Adicionalmente, é bastante possível ima- ginar uma solução ponderada, que adota a posição lexicalista para certos itens e a posição transformacionalista para outros. Mais uma vez, esta é uma questão integralmente empírica. Nós devemos fixar os princípios da gramática universal – em particular, a natureza da medida de avaliação – de modo que ela forneça a descrição que está factualmente correta, salientando, como anteriormente, que qualquer hipótese a respeito da gramática universal deve também ser testada diante de evidências provenientes de outras partes da gramática do inglês e de outras línguas.

Em trabalhos anteriores sobre a gramática transformacional – cf. Lees (1960) –, a adequação da posição transformacionalista era tomada como pres- suposta; e, de fato, realmente não havia nenhuma outra alternativa, uma vez que a Teoria da Gramática tinha sido formulada naquela época. Contudo, a ex- pansão da teoria gramatical para incorporar características sintáticas – como Chomsky (1965, cp. 2) – permite a formulação da posição lexicalista e, portanto, levanta a questão da escolha entre as alternativas.<sup>9</sup> Meu propósito neste artigo é investigar a posição lexicalista e explorar algumas das consequências que essa posição sugere para a teoria sintática de forma mais geral.

---

<sup>9</sup> A posição transformacionalista é adotada em muitos trabalhos recentes – por exemplo, Lakoff (1965); ela é defendida com algum detalhe em Chapin (1967). A posição lexicalista é proposta por Chomsky (1965, p. 219-220), mas com base na análise dos sujeitos possessivos, que é rejei- tada neste trabalho; ela é implicitamente rejeitada – agora eu acredito que de forma incorreta – em Chomsky (1965, p. 184). Uma solução ponderada, do tipo já mencionado, é desenvolvida em detalhe por Langendoen (1967); tal solução também é discutida em Annear & Elliot (1965). Lan- gendoen (1965) apresenta uma análise muito semelhante àquela que eu vou propor a seguir e cita um grande número de evidências em favor dela. Ele se abstém de adotar uma posição lexi- calista completa por causa de ambiguidades como *proof* (‘prova’) em *John’s proof of the theo- rem (took a long time, is reproduced in the new text)* (‘a prova de João do teorema (levou bas- tante tempo, está reproduzida no novo texto)’). Entretanto, essa objeção à hipótese lexicalista plena – pela qual eu sou responsável – me parece ser muito fraca. Da mesma forma, seria possí- vel supor simplesmente que uma ambiguidade lexical estivesse envolvida, análoga à ambiguida- de de palavras como *book* (‘livro’), *pamphlet* (‘panfleto’) etc., que podem ser concretas ou abs- tratadas: *the book weighs five pounds... was written in a hurry* (‘o livro pesa cinco quilos... foi escrito às pressas’), como notado por Postal (1996b) – cf. nota 13 a esse respeito.

Considere primeiramente a questão da produtividade. Como notado anteriormente, a transformação que gera nominalizações gerundivas se aplica de forma bastante livre.<sup>10</sup> Há, porém, muitas restrições sobre a formação de nominalizações derivadas. As estruturas subjacentes a (6), por exemplo, são transformadas nas nominalizações gerundivas em (7), mas não nas nominalizações derivadas em (8).

(6) (a) John is easy (/difficult) to please.

‘João é fácil (/difícil) de agradar’

(b) John is certain (/likely) to win the prize.

‘João está certo para (/é possível de) ganhar o prêmio’

(c) John amused (/interested) the children with his stories.

‘João divertiu (/interessou) as crianças com suas histórias’

(7) (a) John’s being easy (/difficult) to please.

‘João ser fácil (/difícil) de agradar’

(b) John’s being certain (/likely) to win the prize.

‘João estar certo para (/ser possível de) ganhar o prêmio’

(c) John’s amusing (/interesting) the children with his stories.

‘João divertir (/interessar) as crianças com suas histórias’

(8) (a) \*John’s easiness (/difficulty) to please.

‘a facilidade (/dificuldade) de João de agradar’

(b) \*John’s certainty (/likelihood) to win the prize.

‘a certeza para (/possibilidade de) João ganhar o prêmio’

(c) \*John’s amusement (/interest) of the children with his stories.

‘o divertimento (/interesse) de João das crianças com suas histórias’

Naturalmente, há nominalizações derivadas que superficialmente se assemelham àquelas em (8) como, por exemplo, as em (9), que são paralelas às nominalizações gerundivas em (10).

---

<sup>10</sup> Existem certas restrições. Por exemplo, a transformação é inaplicável quando o sujeito é do tipo que não permite possessivos – *\*that John was here’s surprising me* (‘que João esteve aqui me surpreender’) – e frequentemente é muito pouco natural com verbos que envolvem extraposição – *\*its surprising me that John was here* (‘isso me surpreender que João esteve aqui’), *\*John’s happening to be a good friend of mine* (‘João acontecer de ser um bom amigo meu’) –, embora *its having surprised me that John was here* (‘isso ter me surpreendido que João esteve aqui’) e *John’s happening to be there* (‘João acontecer de estar lá’) pareçam toleráveis.

- (9) (a) John's eagerness to please – cf. (2a) e (4a)  
 'a ansiedade de João para agradar'  
 (b) John's certainty that Bill will win the prize  
 'a certeza de João de que Bill ganhará o prêmio'  
 (c) John's amusement at (/interest in) the children's antics  
 'o divertimento de João com (/o interesse n') as travessuras das crianças'
- (10) (a) John's being eager to please – cf. (2a) e (3a)  
 'João estar ansioso para agradar'  
 (b) John's being certain that Bill will win the prize.  
 'João estar certo de que Bill ganhará o prêmio'  
 (c) John's being amused at (/interested in) the children's antics.  
 'João estar entretido com (/interessado n') as travessuras das crianças'

Essas discrepâncias entre nominalizações gerundivas e derivadas requerem uma explicação. Especificamente, nós devemos determinar por que os exemplos em (8) são descartados, embora os exemplos em (9) sejam permitidos.<sup>11</sup>

O caráter idiossincrático da relação entre a nominalização derivada e o verbo a ela associado já foi salientada tantas vezes que sua discussão é supérflua. Considere, por exemplo, nominalizações como *laughter* ('risada'), *marriage* ('casamento'), *construction* ('construção'), *actions* ('ações'), *activities* ('atividades'), *revolution* ('revolução'), *belief* ('crença'), *doubt* ('dúvida'), *conversion* ('conversão'), *permutation* ('permuta'), *trial* ('tentativa'), *residence* ('residência'), *qualifications* ('qualificações'), *specifications* ('especificações') e assim por diante, com suas gamas individuais de significado e suas relações semânticas variadas com as formas de base. Há algumas sub-regularidades que têm sido

---

<sup>11</sup> Há também, pelo menos, uma classe de exemplos em que as nominalizações derivadas são permitidas, mas as nominalizações gerundivas, não; a saber, exemplos em que a nominalização gerundiva é bloqueada em virtude de o sujeito não ser possessivizado – cf. nota 10. Assim, a nominalização gerundiva *his negative attitude toward the proposal's disrupting our plans* ('sua atitude negativa para com a proposta interromper nossos planos') é marginal, e *his bringing up of that objection's disrupting our plans* ('ele trazer à tona aquela objeção interromper nossos planos') é impossível; contudo, podemos formar as nominalizações derivadas correspondentes: *the disruption of our plans by his negative attitude toward the proposal* ('a interrupção dos nossos planos por sua atitude negativa para com a proposta'), ...*by his bringing up of that objection* ('por ele trazer à tona aquela objeção'). Voltaremos para esses casos a seguir.

frequentemente notadas, mas sua gama de variação e seu caráter bastante acidental são típicos da estrutura lexical. Para acomodar esses fatos dentro da abordagem transformacional (assumindo, como anteriormente, que são as relações gramaticais na estrutura profunda que determinam o significado), é necessário recorrer ao artifício da atribuição de uma gama de significados à forma de base, estipulando que, com certos traços semânticos, a forma deve se nominalizar, mas que, com outros traços semânticos, ela não pode se nominalizar. Além disso, o apelo a esse mecanismo altamente insatisfatório, que reduz quase à vacuidade a hipótese de que as transformações não têm conteúdo semântico, teria de ser bastante extenso.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> A artificialidade pode ser reduzida através da derivação das nominalizações a partir de nomes subjacentes com algum tipo de elemento sentencial incluso, cujo significado pode ser expresso da seguinte maneira: por exemplo, *John's intelligence* ('a inteligência de João') a partir de *the fact that John is intelligent* ('o fato de que João é inteligente') – em *John's intelligence is undeniable* ('a inteligência de João é inegável') – e de *to the extent to which John is intelligent* ('na medida em que João é inteligente') – em *John's intelligence exceeds his foresight* ('a inteligência de João excede sua perspicácia'). No entanto, é difícil encontrar uma origem natural para a nominalização em sentenças tais como *John's intelligence is his most remarkable quality* ('a inteligência de João é sua qualidade mais notável'). Essa ideia enfrenta outras dificuldades. Assim, nós podemos dizer *John's intelligence, which is his most remarkable quality, exceeds his foresight* ('a inteligência de João, que é sua qualidade mais notável, excede sua perspicácia'), mas uma sentença apositiva, nessa análise, teria de ser derivada a partir de *\*to the extent to which John is intelligent is his most remarkable quality* ('na medida em que João é inteligente é sua qualidade mais notável'), uma vez que, geralmente, a identidade da estrutura requerida para que a formação da sentença apositiva ocorra vai ainda mais além da identidade dos marcadores sintagmáticos dados, como apontado por Lees (1960, p. 76). À medida que esse problema é explorado, surgem muitas questões em aberto que dizem respeito à recuperabilidade do elemento apagado nas transformações de apagamento – para discussão, cf. Chomsky (1965, p. 145; 179), Ross (1967) e Chomsky (1968). Ross (1967, cp. 3, n. 19) sugere que a identidade das estruturas de base seja requerida para apagamento.

O escopo das sub-regularidades existentes – acredito eu – foi consideravelmente exagerado nos trabalhos que assumem a posição transformacionista. Por exemplo, Lakoff (1965) fornece o que são provavelmente os exemplos mais fortes em favor dessa posição, mas mesmo dentre esses casos, muito poucos são aceitáveis à luz da fundamentação semântica que ele propõe para justificá-los. Assim, *John's deeds* ('os feitos de João') não tem o mesmo significado de *things which John did* ('coisas que João fez') (p. IV-2); em vez disso, significa "coisas bastante significativas que João fez" – nós não diríamos que um dos primeiros feitos de João nesta manhã foi escovar os dentes. Nós não podemos derivar *John's beliefs* ('as crenças de João') de *what John believes* ('aquilo em que João acredita') (p. V-23), por causa de sentenças como *John's beliefs are not mutually consistent* ('as crenças de João não são mutuamente consistentes'), nem podemos derivá-lo de *the things that John believes* ('as coisas em que João acredita'), já que a interpretação semântica estará, então, incorreta em expressões tais como *I respect John's beliefs* ('eu respeito as crenças de João') ou *John's beliefs are intense* ('as crenças de João são intensas'). É difícil ver como se pode relacionar transformacionalmente *I read all of John's writings* ('eu li todos os escritos de João') com *I read all of what John wrote* ('eu li tudo o que João escreveu') em vista de expressões como *I read all of John's critical writings* ('eu li todos escritos críticos de João') etc. E se for postulado um verbo abstrato *poetize* ('poetizar') que é subjacente a *John's poems* ('os poemas de João'), o que dizer de *John's book reviews, dialogues, sonnets, limericks, Alexandrines* ('resenhas de livro, diálogos, sonetos, limeriques, versos alexandrinos de João') etc.? Em geral, há poucos casos para os quais não surgem problemas desse tipo. De

A terceira principal diferença entre nominalizações gerundivas e derivadas, notada anteriormente, é a de que apenas as nominalizações derivadas têm a estrutura interna de um sintagma nominal. Assim, nós podemos ter expressões como *the proof of the theorem* ('a prova do teorema') – *\*the proving the theorem* ('o provar o teorema'), com uma nominalização gerundiva –, *John's unmotivated criticism of the book* ('a crítica não motivada de João ao livro') – *John's unmotivated criticizing the book* ('João criticar sem motivo o livro') – e assim por diante. De forma análoga, as nominalizações derivadas não podem conter aspecto; não há nenhuma nominalização derivada análoga a *John's having criticized the book* ('João ter criticado o livro'). Adicionalmente, muitas nominalizações derivadas aceitam pluralização e ocorrem com uma gama completa de determinantes: *John's three proofs of the theorem* ('as três provas de João do teorema'), *several of John's proofs of the theorem* ('várias das provas de João do teorema') etc. Além disso, as nominalizações derivadas podem, com efeito, aparecer livremente na gama completa de estruturas do sintagma nominal. Por exemplo, a sentença *John gave Bill advice* ('João deu um conselho para Bill') é igual a qualquer estrutura de objeto indireto, no sentido de que admite duas construções passivas: *advice was given (to) Bill* ('um conselho foi dado a Bill') e *Bill was given advice* ('deu-se um conselho a Bill'). É difícil ver como uma abordagem transformacional para as nominalizações derivadas poderia explicar o fato de que as estruturas em que elas aparecem (assim como sua estrutura interna e, com frequência, suas propriedades morfológicas) são de sintagmas nominais comuns. Nenhum desses problemas emerge, como notado anteriormente, no caso das nominalizações gerundivas.

Essas propriedades das nominalizações derivadas são bem consistentes com uma abordagem lexicalista e, em parte, podem ser explicadas a partir dessa perspectiva. Mas antes de entrar nessa questão, vamos elaborar a posição lexicalista de forma ligeiramente mais detalhada.

Anteriormente, observei que a posição lexicalista não era formulável dentro do arcabouço da teoria sintática disponível na época do trabalho de Lees sobre nominalizações. O problema era que as generalizações óbvias que dizem

---

forma análoga, é impossível endossar a posição transformacionalista; é difícil até de mantê-la sob uma fundamentação semântica.

respeito às propriedades distribucionais das formas de base e das formas derivadas eram expressáveis, naquele arcabouço teórico, apenas em termos de transformações gramaticais. Não havia nenhuma outra forma de expressar o fato de que os contextos em que *refuse* ('recusar') aparece como verbo e *refusal* ('recusa') como nome estão intimamente relacionados. Porém, se o léxico for dissociado do componente categorial de base e suas entradas forem analisadas em termos de traços contextuais, essa dificuldade desaparece. Podemos inserir *refuse* no léxico como sendo um item com certos traços fixos de seleção e traços estritos de subcategorização, que está isento dos traços categoriais [NOME] e [VERBO]. Regras morfológicas bastante idiossincráticas vão determinar a forma fonológica de *refuse* ('recusa-'), *destroy* ('destrui-') etc. quando esses itens aparecerem em uma posição nominal. O fato de que *refuse* toma como complemento um sintagma nominal ou uma sentença reduzida e *destroy* (seja como nome seja como verbo), apenas um sintagma nominal é expresso pela estrutura de traços da entrada lexical "neutra", da forma como são expressas as propriedades de seleção. Deixando de lado os detalhes, está claro que os traços sintáticos fornecem um certo grau de flexibilidade para expressar as generalizações com relação às similaridades distribucionais. Portanto, aquilo que era uma objeção decisiva a respeito da posição lexicalista não tem mais nenhuma força.

Proponhamos, então, uma hipótese preliminar, de acordo com a qual muitos itens aparecem no léxico com traços fixos de seleção e traços estritos de subcategorização, mas com uma escolha em relação aos traços associados às categorias lexicais NOME, VERBO e ADJETIVO. A entrada lexical pode especificar que os traços semânticos são, em parte, dependentes da escolha de um ou outro traço de categoria. Esta é, obviamente, a situação típica dentro do léxico; em geral, as entradas lexicais envolvem certas condições booleanas sobre os traços, que expressam dependências condicionais de vários tipos.<sup>13</sup> À medida que há regulari-

---

<sup>13</sup> É irrelevante para os presentes propósitos estabelecer se uma entrada lexical é concebida como uma função booleana de traços especificados ou se deve ser substituída por um conjunto de entradas lexicais, cada uma consistindo em um conjunto de traços especificados. Não é claro se as abordagens para os problemas acerca da gama de significados e de funções são variantes terminológicas ou se são diferenciáveis empiricamente. Algumas das questões mencionadas na nota 12 podem ser relevantes. Considere, por exemplo, a ambiguidade entre *book* ('livro') e *proof* ('prova'), mencionada na nota 9. Certas condições sobre a recuperabilidade do elemento apagado levariam à conclusão de que uma única entrada lexical está envolvida quando os dois sentidos da palavra podem ser combinados em uma estrutura apositiva. Por hipótese, a escolha entre as alternativas recém-mencionadas no caso de *book* e *proof* seria determinada pelo estatu-

dades (cf. nota 12), elas podem ser expressas por meio de regras de redundância no léxico.

Considere agora o problema da produtividade mencionado anteriormente; especificamente, o fato de que não podemos formar as nominalizações derivadas em (8), que correspondem às sentenças em (6), apesar de as estruturas subjacentes às sentenças em (6) poderem ser transformadas em nominalizações gerundivas e apesar de podermos formar as nominalizações derivadas em (9), associadas às nominalizações gerundivas em (10).

Considere primeiramente os exemplos *John is easy to please* ('João é fácil de agradar') e *John is eager to please* ('João está ansioso para agradar'); apenas o segundo deles está associado a uma nominalização derivada. Esta é uma consequência direta da hipótese lexicalista recém-formulada, quando levamos em conta certas propriedades dos itens *eager* ('ansioso') e *easy* ('fácil'). Assim, *eager* deve ser introduzido no léxico com um quadro estrito de subcategorização que indica que ele pode tomar um complemento sentencial, como em *John is eager (for us) to please* ('João está ansioso para (nos) agradar') etc., sem que seja necessário nenhum comentário adicional. No entanto, *easy* ('fácil') – ou *difficult* ('difícil') – não aparece(m) no léxico com esse traço. Não há nenhuma estrutura da forma [... *easy (difficult) S*] gerada pelas regras de base; formas como *it is easy (for us) to please John* ('é fácil (para nós) agradar a João') são derivadas por extraposição.<sup>14</sup> Consequentemente, *easy* (ou *difficult*) não pode(m) ser introduzido(s) por inserção lexical na posição nominal com um complemento sentencial, e nós não podemos derivar formas como (8a): *\*John's easiness (difficulty) to please*. Nenhuma restrição desse tipo se mantém para as nominalizações gerundivas que, sendo produto de uma transformação, são igualmente aplicáveis a transformações de marcadores sintagmáticos de base.

Considere, a seguir, os exemplos *\*John's certainty to win the prize* (= (8b)) e *John's certainty that Bill will win the prize* (= (9b)). Mais uma vez, a hipótese lexicalista fornece uma explicação para a distinção entre os dois senti-

---

to de sentenças como *this book, which weighs five pounds, was written in a hurry* ('este livro, que pesa cinco quilos, foi escrito às pressas') e *John's proof of the theorem, which took him a long time, is reproduced in the new text* ('a prova de João do teorema, que tomou dele bastante tempo, está reproduzida no novo texto').

<sup>14</sup> Para discussão, cf. Rosenbaum (1967) e Kiparsky & Kiparsky (1967).

dos de *certain* ('certo'). A sentença *John is certain to win the prize* ('João está certo para ganhar o prêmio') é derivada por extraposição e pelo reposicionamento do pronome em relação à estrutura profunda, em que *certain* é predicado da proposição *John \_\_\_ to win the prize*, como é evidente, partindo do seu significado.<sup>15</sup> Nesse sentido, *certain* não permite um complemento proposicional; logo, é consequência direta da hipótese lexicalista o fato de que não pode haver uma nominalização derivada *certainly to win the prize* com esse sentido. Entretanto, *John is certain that Bill will win the prize* ('João está certo de que Bill ganhará o prêmio') deriva de *John is certain [s Bill will win the prize]s* ('João está certo [s Bill ganhará o prêmio]s'). No sentido de *certain*, em que é predicado de uma pessoa, um complemento proposicional pode ser adjungido à base. Conseqüentemente, a hipótese lexicalista permite a nominalização derivada correspondente *John's certainty that Bill will win the prize*, gerada pela inserção lexical de *certain* na posição nominal antes de um complemento sentencial.

Considere, agora, os exemplos de (6c) a (10c). Se as nominalizações derivadas fossem formadas por transformação, não haveria nenhuma razão por que *\*John's amusement the children with his stories* (= (8c)) não deveria ser formado a partir da proposição subjacente à nominalização gerundiva *John's amusing the children with his stories*, tanto quanto *John's amusement at the children's antics* (= (9c)) seria derivado, nessa argumentação, da proposição subjacente à nominalização gerundiva *John's being amused at the children's antics* (= (10c)). Essa discrepância seria explicada se nós adotássemos a posição lexicalista e, adicionalmente, postulássemos que sentenças como *John amused the children with his stories* fossem, elas mesmas, derivadas de uma estrutura subjacente de um tipo diferente. Esta última suposição não deixa de ser razoável. Assim, é bem sabido que, entre as propriedades dos verbos da classe de *amuse* ('divertir/entreteter'), *interest* ('interessar') etc. está o fato de que há um pareamento entre sentenças como as em (11).

- (11) (a) He was amused at the stories.  
       'ele foi entretido com as histórias'  
       (b) The stories amused him.  
       'as histórias o entretiveram'

---

<sup>15</sup> Cf. as referências da nota 14.



Os fatos que dizem respeito às nominalizações derivadas sugerem que (11b) é derivado de uma estrutura que envolve (11a); isso explicaria as similaridades na interpretação semântica e nas propriedades distribucionais de (11a) e (11b) e também explicaria, sob a hipótese lexicalista, a ocorrência e a não ocorrência de nominalizações derivadas.<sup>16</sup> Muito embora seja fraca a motivação independente para o pressuposto de que (11a) seja subjacente a (11b), parece não haver contraevidência que sugira que (11b) é subjacente a (11a). Seria possível, por exemplo, derivar (11b), de forma bastante plausível, de uma construção causativa com, *grosso modo*, a forma de (12).

- (12) The stories [+CAUSE] [s he was amused at the stories]s  
 ‘as histórias’                    ‘ele foi entretido com as histórias’

Eu me voltarei brevemente para essas estruturas a seguir. Há algumas evidências em favor da hipótese de que existe uma construção causativa em inglês – cf. Chomsky (1965, p. 180) e Lakoff (1965, § 9)<sup>17</sup> – e a operação que apaga o

<sup>16</sup> Essa solução é proposta por Lakoff (1965, p. A-15), mas, à luz da fundamentação transformacionalista que ele adota, não há nenhuma motivação para ela.

<sup>17</sup> Há muitos problemas a serem explorados neste ponto. Observe, por exemplo, que *John interested me in his ideas* (‘João me interessou em suas ideias’) é bastante diferente de *John interested me with his ideas* (‘João me interessou com suas ideias’) – ambos os tipos de sintagma preposicional ocorrem em *John interested me in politics with his novel approach* (‘João me interessou em política com sua abordagem inovadora’); apenas o segundo tipo é similar em significado a *John’s ideas interested me* (‘as ideias de João me interessaram’). Uma análise completa dessas expressões terá de levar em consideração sintagmas instrumentais, a respeito dos quais há inúmeros problemas já discutidos em vários artigos instigantes da autoria de Fillmore, Lakoff e outros.

A breve menção aos causativos em Chomsky (1965) considera que o verbo principal de (12) é o verbo *cause* (‘causar’), mas a distinção entre causação direta e indireta sugere que essa análise pode não estar correta. Lakoff (1966b) defende que a diferença entre causação direta e indireta é uma questão de uso, e não de estrutura subjacente; portanto, ele defende que *a breeze stiffened John’s arm* (‘uma brisa enrijeceu o braço de João’) e *a breeze caused John’s arm to stiffen* (‘uma brisa fez o braço de João enrijecer’) são normalmente usadas para indicar causação direta, enquanto *a breeze brought it about that John’s arm stiffened* (‘uma brisa ocasionou que o braço de João enrijecesse’) e *a breeze made John’s arm stiffen* (‘uma brisa fez o braço de João enrijecer’) são geralmente usadas para indicar causação indireta, mas na verdade, as duas interpretações são possíveis, do que se concluiria que seria possível considerar que o verbo subjacente em construções causativas seja “*cause*”. Porém, não parece correto conceber essa distinção apenas como uma distinção de uso. Por consequência, nós podemos dizer *John’s clumsiness caused the door to open (/the window to break)* (‘a falta de jeito de João fez a porta abrir (/a janela quebrar)’), mas não *\*John’s clumsiness opened the door (/broke the window)* (‘a falta de jeito de João abriu a porta (/quebrou a janela)’) – para uma discussão sobre esse assunto, cf. Hall (1965).

sintagma nominal repetido na proposição encaixada em (12) é de um tipo encontrado em outros contextos; por exemplo, na derivação de sentenças como *John used the table to write on* ('João usou a mesa para escrever'), *John used the pen to write (with)* ('João usou a caneta para escrever'), *John used the wall to lean the table against* ('João usou a parede para encostar a mesa') etc. a partir de *John used the table* [<sub>s</sub> *John wrote on the table*]<sub>s</sub> ('João usou a mesa [<sub>s</sub> João escreveu na mesa]<sub>s</sub>') e assim por diante.

Com relação à formação de nominalizações derivadas, outros exemplos para os quais a análise causativa tem sido sugerida, se enquadram no mesmo padrão. Considere, por exemplo, o uso transitivo de *grow* ('cultivar') em *John grows tomatoes* ('João cultiva tomates'), que poderia ser plausivelmente derivado de uma estrutura como (12), com *the stories* substituindo *John* na posição de sujeito e com a proposição encaixada sendo *tomatoes grow* ('tomates crescem'), intransitiva. Contudo, considere o sintagma nominal *the growth of tomatoes* ('o crescimento de tomates'). Ele não é ambíguo, pois tem a interpretação de *tomatoes grow*, mas não a de *John grows tomatoes*. Se esta última for tomada como uma forma de base, deveria haver uma nominalização derivada associada, *the growth of tomatoes*, com a mesma interpretação, da mesma forma que nós temos a nominalização derivada *the rejection of the offer* ('a rejeição da oferta') associada ao sintagma verbal transitivo *reject the offer* ('rejeitar a oferta'). Por outro lado, se a sentença *John grows tomatoes* for derivada de uma construção causativa, a nominalização derivada correspondente é excluída – embora naturalmente a nominalização *the growing of tomatoes* ('o crescer de tomates') não o seja; voltaremos para nominalizações desse tipo a seguir. Essa falta de ambiguidade, portanto, fornece suporte empírico em favor da combinação da hipótese lexicalista com a análise causativa, mas não em favor de alguma delas isoladamente.

Sintetizando essas observações, notamos que a hipótese lexicalista explica uma variedade de fatos do tipo ilustrado pelos exemplos de (6) a (10) – em parte, juntamente com outras hipóteses a respeito de estruturas subjacentes, tais como (12). A hipótese transformacionista é, sem dúvida, consistente com esses fatos, mas não obtém deles qualquer suporte, uma vez que essa hipótese também seria consistente com a descoberta – se ela fosse um fato – de que há no-

minalizações derivadas em todos os casos em que nós temos nominalizações gerundivas. Portanto, os fatos citados fornecem um forte suporte empírico para a hipótese lexicalista ao mesmo tempo em que não dão qualquer suporte para a hipótese transformacionista. Mantendo-se as mesmas condições, os fatos nos levariam a aceitar a hipótese lexicalista, da qual esses fatos decorrem.

Se a hipótese lexicalista estiver correta, deveríamos esperar que as nominalizações derivadas correspondam a estruturas de base em vez de estruturas transformadas. Eu vou me voltar para alguns problemas – que podem ser reais ou não – que emergem em conexão com essa consequência da hipótese lexicalista. Observe, contudo, que há outra evidência em favor dela. Por exemplo, há muitos verbos do inglês que devem ser listados no léxico como construções VERBO + PARTÍCULA: *look up (the information)* (‘pesquisar (a informação)’), *define away (the problem)* (‘definir rápido (o problema)’) etc. Essas formas se submetem à nominalização gerundiva livremente – *his looking up the information* e *his looking the information up* (‘ele pesquisar a informação’) e *his defining away the problem* e *his defining the problem away* (‘ele definir rápido o problema’). As nominalizações derivadas, em geral, são bastante marginais e, portanto, não são muito informativas. Todavia, parece-me que as formas em (13) são um tanto preferíveis àquelas em (14).<sup>18</sup>

(13)(a) His looking up of the information

‘seu pesquisar da informação’

(b) His defining away of the problem

‘seu definir rápido do problema’

(14)(a) His looking of the information up

(b) His defining of the problem away

Essa consequência decorre da hipótese lexicalista, caso as formas em (13) sejam concebidas como nominalizações derivadas – cf. nota 18.

Observe também que, muito embora as nominalizações gerundivas se apliquem livremente a sentenças com sintagmas verbais adjuntos, este não é o

---

<sup>18</sup> Não é óbvio que formas como *the reading of the book* (‘a leitura/o ler do livro’) sejam nominalizações derivadas comuns. Eu retornarei brevemente para essa questão a seguir.

caso para as regras de formação de nominalizações derivadas. Assim, nós temos (15), mas não (16).<sup>19</sup>

(15) His criticizing the book before he read it (because of its failure to go deeply into the matter, etc.).

‘ele criticar o livro antes de lê-lo (por causa da incapacidade do livro de abordar profundamente a questão etc.)’

(16) \*His criticism of the book before he read it (because of its failure to go deeply into the matter etc.).

‘sua crítica ao livro antes de lê-lo (por causa da incapacidade do livro de abordar profundamente a questão etc.)’

Esse comportamento também decorreria da hipótese lexicalista, já que verdadeiros sintagmas verbais adjuntos, como sintagmas-*antes* e sintagmas-*porque*, não vão aparecer como complementos nominais em sintagmas nominais na base.

Os exemplos (15) e (16) levantam questionamentos interessantes no que concerne à questão de aceitabilidade e gramaticalidade.<sup>20</sup> Se a hipótese lexicalista estiver correta, então todos os dialetos do inglês que compartilham a análise dos adjuntos pressuposta anteriormente deveriam fazer distinção entre as expressões em (15), como sendo geradas pela gramática diretamente, e as em (16), como não sendo formadas pela gramática diretamente. No entanto, suponha que descobramos que alguns falantes julgam as expressões em (16) como bastante aceitáveis. Sob a hipótese lexicalista, essas sentenças podem ser geradas apenas derivacionalmente. Logo, nós deveríamos ter de concluir que a aceitabilidade dessas sentenças, para alguns falantes, resulta da falha no reconhecimento de uma certa distinção de gramaticalidade. Poderíamos propor que as expressões em (16) são formadas por analogia às nominalizações gerundivas em (15) – digamos – por uma regra que converte *X-ing* no nome *X-nom* (em que “nom” é o elemento que determina a forma morfológica da nominalização derivada) em

---

<sup>19</sup> Esse foi um apontamento de Kajita (c. p.). Note que *his criticism of the book for its failure...* (‘a crítica dele ao livro por suas falhas’) é gramatical. Em princípio, sintagmas-*por* desse tipo são parte do sistema de complemento de verbos e nomes.

<sup>20</sup> Neste ponto, eu me refiro à distinção delineada em Chomsky (1965, p. 11) – para uma distinção entre gerar diretamente e gerar derivacionalmente, cf. Chomsky (1965, p. 227, n. 2).

certos casos. Não há dúvidas de que esses processos de gerar formas derivacionalmente existem como parte da gramática no seu sentido mais geral – para discussão, cf. Chomsky (1965, cp. IV, § 1) e referências citadas nesse trabalho. A questão é se, nesse caso, é correto conceber (16) como sendo gerada diretamente ou derivacionalmente para os falantes em questão. Há evidências empíricas que influem nessa questão. Assim, se as expressões em (16) fossem geradas diretamente, nós esperaríamos que elas exibissem a gama completa de usos e de significados de nominalizações derivadas como *his criticism of the book* ('sua crítica ao livro'). Por outro lado, se elas fossem geradas derivacionalmente do modo recém-sugerido, esperaríamos que elas tivessem apenas a gama mais restrita de usos e significados das expressões em (15), que lhes são subjacentes. Evidência crucial é fornecida, então, pelos contextos em (17), em que pode ocorrer a nominalização derivada *criticism of the book* ('crítica ao livro'), mas não as nominalizações gerundivas em (15) – com ou sem o adjunto.

- (17)(a) \_\_\_\_\_ is to be found on page 15.  
 '\_\_\_\_\_ deve ser encontrada na página 15'  
 (b) I studied \_\_\_\_\_ very carefully.  
 'eu estudei \_\_\_\_\_ muito cuidadosamente'

O fato parece ser o de que os falantes que aceitam (16) não aceitam (18), embora aceitem (19).

- (18) (a) *His criticism of the book before he read it* is to be found on page 15.  
 '*sua crítica ao livro antes de lê-lo* deve ser encontrada na página 15'  
 (b) I studied *his criticism of the book before he read it* very carefully.  
 'eu estudei *sua crítica ao livro antes de lê-lo* muito cuidadosamente'  
 (19)(a) *His criticism of the book* is to be found on page 15.  
 '*sua crítica ao livro* deve ser encontrada na página 15'  
 (b) I studied *his criticism of the book* very carefully.  
 'eu estudei *sua crítica ao livro* muito cuidadosamente'

Se correta, essa observação indica que falantes que não são capazes de distinguir (16) de (15) não estão cientes de uma propriedade de sua gramática internalizada, a saber, que ela gera (16) apenas derivacionalmente, pela analogia com a nominalização gerundiva. Não seria nem um pouco surpreendente descobrir que alguns falantes não são capazes de perceber uma distinção desse tipo. Como podemos observar, esta é uma questão empírica, e há evidências concretas relevantes. Este é um problema geral que se deve ter em mente quando julgamentos de aceitabilidade são usados – como devem ser – para descobrir a gramática que está internalizada. Nesse exemplo, a hipótese lexicalista recebe sustentação convincente caso seja verdade que existam fundamentalmente dois tipos de julgamento de aceitabilidade: o primeiro, que aceita (19), mas não aceita (16) nem (18); o segundo, que aceita (19) e (16), mas não (18). É difícil ver como a hipótese transformacionalista seria capaz de acomodar cada um desses casos.

Retornando ao tópico central, observe que o aspecto naturalmente não vai aparecer em sintagmas nominais e, portanto, sob a hipótese lexicalista, não vai aparecer nas nominalizações derivadas – embora vá aparecer nas nominalizações gerundivas.

Considere agora os adjetivos que aparecem com as nominalizações derivadas, como *John's sudden refusal* ('a recusa repentina de João') ou *John's obvious sincerity* ('a sinceridade óbvia de João'). Duas estruturas de origem imediatamente são sugeridas: uma de construções relativas – já que *John's aged mother* ('a mãe idosa de João') poderia ser derivada de *John's mother, who is aged* ('a mãe de João, que é idosa'); e outra, de construções adverbiais como *John refused suddenly* ('João recusou repentinamente') e *John is obviously sincere* ('João é obviamente sincero'). Esta última, contudo, pressuporia que nominalizações derivadas podem ser formadas a partir de estruturas como *John refused in such-a-such a manner* ('João recusou desta ou daquela maneira'), *John was sincere to such-and-such an extent* ('João foi sincero até aqui e ali') etc. Porém, este não é o caso. Não podemos ter *\*John's refusal in that manner* (*in a manner that surprised me*) ('a recusa de João daquela maneira (de uma maneira que me surpreendeu)') ou *\*John's sincerity to that extent* ('a sinceridade de João até certo ponto'). Além disso, os adjetivos que aparecem com nomi-

nalizações derivadas frequentemente não podem aparecer (como advérbios) com os verbos correspondentes; por exemplo, temos *John's uncanny (amazing, curious, striking) resemblance to Bill* ('a semelhança extraordinária (incrível, curiosa, surpreendente) de João com Bill'), mas não *\*John resembled Bill uncannily (amazingly, curiously, strikingly)* ('João se parecia extraordinariamente (incrivelmente, curiosamente, surpreendentemente) com Bill'. Poderíamos propor uma explicação para esse fato derivando *John's uncanny resemblance to Bill* de algo como *the degree to which John resembles Bill, which is uncanny* ('o grau em que João se parece com Bill, que é extraordinário'). Porém, essa proposta – para além da dificuldade de não oferecer nenhuma forma de excluir sintagmas como *\*their amazing destruction of the city* ('a incrível destruição deles da cidade') a partir de *the degree to which they destroyed the city, which was amazing* ('o nível em que eles destruíram a cidade, que foi incrível') – também enfrenta dificuldades na nota 12. Embora tenha restado um número considerável de problemas interessantes que concernem a adjetivos em nominalizações derivadas (e muitas outras construções), eu não vejo nada que entre em conflito com a hipótese lexicalista nesse aspecto.

As evidências em favor da posição lexicalista parecem ser bastante substanciais. Assim, é importante examinar as consequências posteriores dessa posição e as dificuldades que obstam sua incorporação em uma teoria de sintaxe.

Suponha que sintagmas como *eagerness (for John) to please* ('ansiedade (de João) para agradar'), *refusal of the offer* ('recusa da oferta'), *belief in a supreme being* ('crença em um ser superior') sejam sintagmas nominais de base. Evidentemente, se essa abordagem for seguida, então as regras do componente categorial de base devem introduzir uma gama extensiva de complementos dentro do sintagma nominal, da mesma forma que introduzem dentro dos sintagmas verbal e adjetival. Como uma primeira aproximação, a ser revista posteriormente, poderíamos propor que as regras do componente categorial incluam as seguintes regras.

(20) (a) SN → N Compl

(b) SV → V Compl

(c) SA → A Compl

(21) Compl → SN, S, SN S, SN Prep-P, Prep-P Prep-P etc.

Há alguma sustentação independente para tais regras, para além dos fenômenos das nominalizações derivadas? Uma investigação dos sintagmas nominais mostra que há uma sustentação robusta para um sistema como esse.

Considere os seguintes sintagmas a seguir.<sup>21</sup>

- (22) (a) the *weather* in England  
‘o *clima* na Inglaterra’  
(b) the *weather* in 1965  
‘o *clima* em 1965’  
(c) the *story* of Bill’s exploits  
‘a *história* das façanhas de Bill’  
(d) the *bottom* of the barrel  
‘a *parte inferior* do barril’  
(e) the *back* of the room  
‘a *parte traseira* do quarto’  
(f) the *message* from Bill to Tom about the meeting  
‘a *mensagem* de Bill para Tom a respeito da reunião’  
(g) a *war* of aggression against France  
‘uma *guerra* de agressão contra a França’  
(h) *atrocities* against the civilians  
‘*atrocidades* contra os civis’  
(i) the *author* of the book  
‘o *autor* do livro’  
(j) John’s *attitude* of defiance towards Bill  
‘a *atitude* provocativa de João sobre Bill’  
(k) his *advantage* over his rivals  
‘sua *vantagem* sobre seus rivais’  
(l) his *anguish* over his crimes  
‘sua *angústia* em relação a seus crimes’  
  
(m) his *mercy* toward the victims

---

<sup>21</sup> Langendoen (1967a) discute uma série de exemplos desse tipo.



- ‘sua *misericórdia* para com as vítimas’
- (n) a *man* to do the job  
‘um *homem* para fazer o trabalho’
- (o) a *house* in the woods  
‘uma *casa* na floresta’
- (p) his *habit* of interrupting  
‘seu *hábito* de interromper’
- (q) the *reason* for his refusal  
‘a *razão* para sua recusa’
- (r) the *question* whether John should leave  
‘o *questionamento* de se João deveria ir embora’
- (s) the *prospects* for peace  
‘a *persepectiva* de paz’
- (t) the *algebra* of revolution  
‘a *álgebra* da revolução’
- (u) *prolegomena* to any future metaphysics  
‘*prolegômenos* para alguma metafísica futura’
- (v) my *candidate* for a trip to the moon  
‘meu *candidato* à viagem para a Lua’
- (w) a *nation* of shopkeepers  
‘uma *nação* de comerciantes’

Em cada um desses exemplos, e em muitas formas similares, parece-me fazer bastante sentido – e, em alguns casos, parece ser realmente necessário – conceber as formas em itálico como sendo *o nome* de uma construção DETERMINANTE-NOME-COMPLEMENTO, que constitui um sintagma nominal de base, simples. A única alternativa seria conceber toda a expressão como uma estrutura transformada com o elemento em itálico sendo um verbo ou um adjetivo nominalizado ou considerar que o complemento seja uma oração relativa reduzida. Em casos como os em (22), nenhuma das alternativas parece, em absoluto, ser motivada, embora cada uma delas tenha sido proposta para alguns desses exemplos. Por motivos de espaço, estamos impedidos de desenvolver uma análise detalhada para cada um desses casos, mas algumas observações podem ser úteis.

A análise do nome núcleo como sendo um verbo nominalizado requer que definamos os verbos abstratos que estão automaticamente sujeitos à nominalização. Isso requer mecanismos de um grande poder descritivo que, proporcionalmente, deveriam ser bastante “custosos” em termos de uma medida de avaliação razoável.<sup>22</sup> Não obstante, trata-se de uma possibilidade interessante. Talvez o exemplo mais forte para essa abordagem seja o da classe de (22i). Tem sido defendido bastante plausivelmente que sintagmas como *the owner of the house* (‘o dono da casa’) derivam de estruturas subjacentes tais como *the one who owns the house* (‘aquele que tem a casa’); de forma análoga, (22i) poderia ser derivado da estrutura *the one who \*auths the book* (‘aquele que \*aut o livro’), com “*auth*” postulado como um verbo que é lexicalmente marcado como estando obrigatoriamente sujeito à nominalização. Todavia, a plausibilidade dessa abordagem diminui quando se reconhece que não há nenhuma razão para atribuir essa análise a (22i) mais do que há razão para atribuí-la a *the general secretary of the party* (‘o secretário geral do partido’), *the assistant vice-chancellor of the university* (‘o vice-reitor assistente da universidade’) e similarmente para qualquer função que possa ser caracterizada por um sintagma nominal. Outro fato que, às vezes, se apresenta em favor da análise desses sintagmas como nominalizações é a ambiguidade de expressões como *a good dentist* (*dentist who is a good man, man who is good as dentist*) (‘um bom dentista (dentista que é um bom homem, homem que é bom como dentista)’). Porém, esse argumento também é bastante fraco. A ambiguidade, sendo característica de todas as expressões que se referem a humanos devido a alguma função que eles desempenham, pode ser tratada por um princípio geral de interpretação semântica; além disso, dificilmente seria plausível admitir que a ambiguidade de *the assistant vice-chancellor of the university* (‘o vice-reitor assistente da universidade’) deveria ser explicada dessa forma.

---

<sup>22</sup> Por exemplo, esse mecanismo poderia ser usado para estabelecer – digamos – que todos os verbos são derivados de preposições subjacentes. Se se deseja perseguir essa linha de raciocínio, seria possível partir da visão tradicional de que todos os verbos contêm cópula, argumentando, então, que *John visited England* (‘João visitou a Inglaterra’) é da mesma forma que *John is in England* (‘João está na Inglaterra’) – isto é, *\*John is visit England* (‘João está visita a Inglaterra’) – em que *visit* é uma preposição da categoria de *in* (‘em’) que obrigatoriamente se transforma em um verbo que incorpora a cópula. Assim, resta-nos apenas uma única categoria “relacional”: preposições. Para descartar essas absurdidades, é necessário excluir os mecanismos que permitem que elas sejam formuladas ou atribuir um alto custo para o uso desses mecanismos.

Para alguns dos casos em (22), é plausível uma análise em termos de relativas reduzidas – por exemplo, (22o). Entretanto, mesmo para esses casos, há dificuldades com essa abordagem. Observe que existem restrições estritas sobre o nome núcleo de (22o). Assim, temos o sintagma *John's house in the woods* ('a casa de João na floresta') significando *the house of John's which is in the woods* ('a casa de João que está na floresta'); contudo, não podemos formar *John's book (dog, brother...) in the woods (on the table...)* ('o livro (o cachorro, o irmão...) de João na floresta (sobre a mesa...)'). Se eu e João tivermos, cada um, uma casa na floresta, eu posso me referir à dele, com acento contrastivo sobre *John's* ('de João'), como *JOHN'S house in the woods* ('a casa DE JOÃO na floresta'). Analogamente, se cada um de nós tiver um livro sobre a mesa, eu não posso me referir ao dele como *JOHN'S book on the table* ('o livro DE JOÃO sobre a mesa'). Essas observações sugerem que a estrutura superficial de *John's house in the woods* ('a casa de João na floresta') é *John's + house in the woods*, com *house in the woods* sendo algum tipo de expressão nominal. Por outro lado, em uma relativa reduzida verdadeira, tal como *that book on the table* ('aquele livro sobre a mesa'), não há, em princípio, nenhuma quebra do constituinte principal antes de *book* ('livro').

A análise de uma relativa reduzida também é possível no caso de (22r) e (22s). Assim, nós temos sentenças como as em (23), com os sintagmas nominais associados em (24).

(23) (a) The question is whether John should leave.

'a questão é se João deveria ir embora'

(b) The prospects are for peace.

'a perspectiva é de paz'

(c) The plan is for John to leave.

'o plano é para João ir embora'

(d) The excuse was that John had left.

'a desculpa foi de que João tinha ido embora'

(24) (a) The question whether John should leave

'a questão de se João deveria ir embora'

- (b) The prospects for peace  
‘a perspectiva de paz’
- (c) The plan for John to leave  
‘o plano para João ir embora’
- (d) The excuse that John had left  
‘a desculpa de que João tinha ido embora’

Apesar da falta de naturalidade das orações relativas formadas da maneira usual, com (23) como sendo proposições encaixadas, seria possível defender que elas são a origem de (24), sendo relativas reduzidas. Alternativamente, poderia ser defendido que as sentenças em (23) são derivadas das estruturas que incorporam (24). No entanto, esta última suposição é muito mais plausível. Dessa forma, não há sentenças como as em (25).

- (25) (a) \*The question whether John should leave is why Bill stayed.  
‘a questão de se João deveria ir embora é por que Bill ficou’
- (b) \*The prospects for peace are for a long delay.  
‘a perspectiva de paz está bastante atrasada’
- (c) \*The plan for John to leave is that Bill should stay.  
‘o plano para João ir embora é que Bill deveria ficar’
- (d) \*The excuse that John had left was that Bill should stay.  
‘a desculpa de que João tinha ido embora foi que Bill deveria ficar’

De acordo com a hipótese da relativa reduzida, não há nenhuma razão pela qual as sentenças em (25) deveriam ser descartadas. Porém, isso deveria ser explicado se nós assumíssemos que sentenças como as em (23) são derivadas de estruturas que incorporam os sintagmas nominais de base em (24); por exemplo, poderia ser proposto que (23) deriva de (26) por substituição de um predicado não especificado “ $\Delta$ ” pelo complemento do nome sujeito.

(26) [SN Det N Compl]<sub>SN</sub> be [Pred Δ]<sub>Pred</sub><sup>23</sup>

Sob essa análise, a cópula serve como um tipo de operador existencial. Estruturas como as em (26) são motivadas também por outros dados; por exemplo, assim como a estrutura matriz de sentenças como *what John did was hurt himself* ('o que João fez foi machucar a si próprio'), que poderia ser derivada de [SN *it that John hurt John*]<sub>SN</sub> be [Pred Δ]<sub>Pred</sub> ('[SN *isso que João machuca João*]<sub>SN</sub> ser [Pred Δ]<sub>Pred</sub>'), por meio de uma série de operações, às quais nós retornamos a seguir. Em todo caso, existe um argumento para considerar que as formas em (24) sejam subjacentes às em (23), em vez de o contrário.

As estruturas em (22), e outras como elas, levantam muitos problemas; no entanto, elas, de fato, sugerem bastante fortemente que existem sintagmas nominais de base da forma DETERMINANTE-NOME-COMPLEMENTO, independentemente de nominalizações. Na verdade, a gama de complementos para nomes parece quase tão grande quanto a gama de complementos para verbos, e os dois conjuntos são notavelmente similares. Há também uma vasta gama de complementos para adjetivos – *eager (for Bill) to please* ('ansioso (para) agradar a Bill'), *proud of John* ('orgulhoso de João') etc. Portanto, é bastante natural supor que o componente categorial de base contenha regras com o efeito de (20) e (21) – uma conclusão que oferece suporte adicional à hipótese lexicalista.

Essas observações, por acaso, enfraquecem consideravelmente o argumento de que verbo e adjetivo são subcategorias de uma categoria "predicador", como tem sido sugerido em alguns trabalhos recentes em sintaxe.<sup>24</sup> O argumento baseado nas similaridades distribucionais entre verbos e adjetivos entra em colapso quando reconhecemos que nomes compartilham as mesmas propriedades distribucionais; assim, as propriedades são simplesmente propriedades das categorias lexicais. Uma série de outros argumentos que surgiram em favor dessa proposta fracassam por uma razão semelhante. Assim, tem sido sugerido que verbos e adjetivos podem ambos ser caracterizados como ativos-estativos, de tal

---

<sup>23</sup> Uma outra possibilidade ainda seria considerar que a forma subjacente fosse [SN Det N]<sub>SN</sub> ser [SN Det N Compl]<sub>SN</sub> – por exemplo, *the question is the question whether John should leave* ('a questão é a questão de se João deveria ir embora') – com o apagamento da segunda ocorrência do nome repetido, mas essa análise também pressupõe que as estruturas Det + N + Compl são formas de base, e não relativas reduzidas.

<sup>24</sup> Cf., por exemplo, Lakoff (1966) – Apêndice A.

forma que tenhamos sentenças como (27) no caso das construções ativas, mas não em (28) no caso das construções estativas.<sup>25</sup>

- (27) (a) Look at the picture.  
‘olhe para a foto’  
(b) Don’t be noisy.  
‘não seja barulhento’  
(c) What I’m doing is looking at the picture.  
‘o que eu estou fazendo é olhar para a foto’  
(d) What I’m doing is being noisy.  
‘o que eu estou fazendo é ser barulhento’  
(e) I’m looking at the picture.  
‘eu estou olhando para a foto’  
(f) I’m being noisy.  
‘eu estou sendo barulhento’
- (28) (a) \*Know that Bill went there.  
‘saiba que Bill foi lá’  
(b) \*Don’t be tall.  
‘não seja alto’  
(c) \*What I’m doing is knowing that Bill went there.  
‘o que eu estou fazendo é saber que Bill foi lá’  
(d) \*What I’m doing is being tall.  
‘o que eu estou fazendo é ser alto’  
(e) \*I’m knowing that Bill went there.  
‘eu estou sabendo que Bill foi lá’  
(f) \*I’m being tall.  
‘eu estou sendo alto’

No melhor dos casos, a lógica desse argumento não é clara. Suponha que fosse verdade que apenas verbos e adjetivos têm uma classificação em relação à propriedade ativo-estativo. Isso não decorreria de que verbos e adjetivos pertencem a uma única categoria (predicador) com o traço [ $\pm$ ADJETIVAL] que dis-

---

<sup>25</sup> Exemplos de Lakoff (1966).

tingue verbos e adjetivos. Do fato de que um traço  $[\pm F]$  é distintivo nas categorias X e Y não decorre a existência de um traço G, tal que  $X = [+G]$  e  $Y = [-G]$ , e de uma categoria  $Z = [\pm G]$ . Além disso, os nomes são subdivididos de modo exatamente paralelo. Assim, ao lado de (27), temos *be a hero* ('seja um herói'), *what he's doing is being a hero* ('o que ele está fazendo é ser um herói'), *he's being a hero* ('ele está sendo um herói'); ao lado de (28), devemos excluir *\*be a person* ('seja uma pessoa'), *\*what he's doing is being a person* ('o que ele está fazendo é ser uma pessoa'), *\*he's being a person* ('ele está sendo uma pessoa') etc. Novamente, a propriedade em questão é uma propriedade da categoria lexical; o fato de as categorias lexicais NOME, VERBO e ADJETIVO compartilharem essa propriedade não implica que elas pertençam a uma supercategoria. Na verdade, não há – que eu saiba – nenhum argumento convincente em favor de uma categoria que inclua apenas verbos e adjetivos (ou, para adotar outra visão tradicional, nomes e adjetivos), embora não se exclua que alguma dessas subdivisões possa estar correta. É bem possível que as categorias NOME, VERBO e ADJETIVO sejam o reflexo de uma estrutura de traços mais profunda, cada uma delas sendo uma combinação de traços de um tipo mais abstrato. Sendo assim, as várias relações entre essas categorias podem ser expressas. No momento, porém, isso não está claro o suficiente nem para ser uma especulação.

Voltando ao tópico principal, pode-se argumentar que as categorias lexicais, ADJETIVO e VERBO (qualquer que seja sua subestrutura adicional), podem aparecer em formas de base com complementos para formar sintagmas nominais, sintagmas adjetivais e sintagmas verbais. Se isso estiver correto, seria bastante razoável esperar que certos itens pudessem aparecer com traços contextuais fixos em mais de uma dessas categorias. A análise lexicalista das nominalizações derivadas propõe que essa expectativa seja atendida.

Contudo, a hipótese lexicalista enfrenta problemas adicionais. Considere o sintagma *John's proof of the theorem* ('a prova de João do teorema'), como um exemplo típico. De acordo com a hipótese lexicalista, o item *prove* ('prova-') aparece no léxico com certos traços contextuais que indicam a gama de complementos que ele pode aceitar e a escolha dos itens que podem aparecer nesses sintagmas associados. No entanto, o sintagma nominal possessivo *John's* ('de João') e sua relação com o nome núcleo *proof* ('prova') ainda devem ser explicados. Seria possível sugerir que o sintagma nominal possessivo tenha derivado de

uma oração relativa com *have* ('ter'), assim como *John's table* ('a mesa de João') poderia ser derivado da estrutura subjacente *the table* [<sub>s</sub> *John has a table*]<sub>s</sub> ('[a mesa [<sub>s</sub> João tem uma mesa]<sub>s</sub>'), na mesma linha daquilo que tem sido frequentemente discutido. Assim, a origem de *John's proof of the theorem* ('a prova de João do teorema') seria, nessa análise, a estrutura subjacente *the proof of the theorem that John has* ('a prova do teorema que João tem'). Embora não implausível nesse caso, se estendida, essa abordagem rapidamente se depara com dificuldades. Assim, para explicar *John's refusal to leave* ('a recusa de João em sair'), *John's invention of a better mousetrap* ('a invenção de João de uma ratoeira melhor') e muitas outras formas, seria necessário postular verbos abstratos que obrigatoriamente se submetem a certas transformações – um movimento duvidoso, no melhor dos casos, como observado anteriormente.

Uma alternativa seria simplesmente derivar o sintagma nominal possessivo como se fosse, ele mesmo, uma forma de base. Suponha, em tom de especulação, que as regras que geram determinantes no componente de base sejam as seguintes.<sup>26</sup>

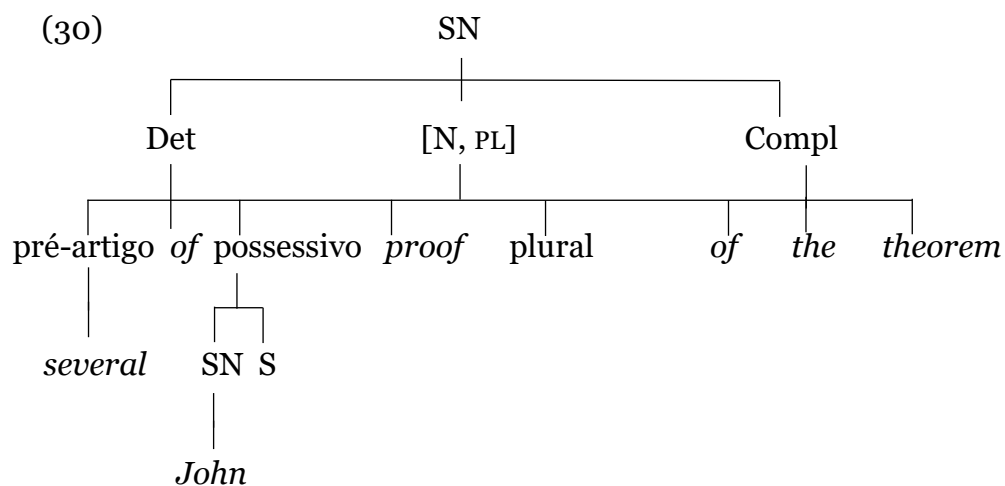
- (29) (a) Det → (pré-artigo de) Artigo (pós-artigo)  
 (b) Artigo →  $\left\{ \begin{array}{l} \pm\text{DEF} \\ \text{POSS} \end{array} \right\}$

O sintagma nominal *several of John's proofs of the theorem* ('várias das provas de João do teorema'), nessa análise, teria uma estrutura, *grosso modo*, como (30).

---

<sup>26</sup> É irrelevante para a presente discussão se as estruturas à direita da seta são, de fato, estruturas de base, ou se algumas delas são derivadas de estruturas "mais profundas" ou diferentes. É suficiente, para os presentes propósitos, observar que (30), ou algo suficientemente semelhante, é a forma geral do determinante em algum estágio da derivação. O que é crucial, no presente momento, é que o sintagma nominal possessivo está recebendo o estatuto de artigo [ $\pm\text{DEF}$ ], o que quer que isso possa ser na estrutura de base.





Esse exemplo seria estruturalmente análogo, portanto, ao sintagma *several of those proofs of the theorem* ('várias daquelas provas de João do teorema').

Se essa abordagem estiver correta, esperaríamos encontrar estruturas da forma SNs-N mesmo onde N não é uma nominalização derivada e onde a construção possessiva em questão não deriva da estrutura correspondente: N *that* SN *has* ('N que SN tem'). De fato, há evidências que dão suporte a essa expectativa. Muitos notaram que a distinção entre posse alienável e inalienável, marcada formalmente em algumas línguas, também tem um certo estatuto em inglês. Assim, o sintagma *John's leg* ('a perna de João') é ambíguo: ele pode ser usado tanto para se referir à perna que João tem em sua posse (posse alienável), que ele está – digamos – segurando debaixo do braço, quanto à perna que, de fato, faz parte do corpo de João (posse inalienável). Contudo, o sintagma *the leg that John has* ('a perna que João tem') tem apenas o sentido de posse alienável. Não podemos dizer que a perna que João tem dói ou que está mole por causa da subida, embora possamos fazer tais afirmações sobre a perna de João, no sentido inalienável do sintagma *John's leg* ('a perna de João').<sup>27</sup> Essas observações dão plausibilidade à visão de que *John's leg* tem outra origem além da estrutura subjacente *the leg that John has*, da qual ela pode ser derivada (no sentido alienável) na mesma linha em que *John's table* ('mesa de João') pode ser derivado de *the table that John has* ('a mesa que João tem'). A segunda origem, então, pode ser fornecida pelas regras de base em (29), que são semanticamente interpretadas como especificando posse inalienável. Essa suposição explicaria os fatos recém-observados.

<sup>27</sup> Esses exemplos vêm de John Ross.

Dentro do arcabouço teórico que eu estou pressupondo neste trabalho, as relações gramaticais são definidas por configurações na estrutura profunda, e os traços de seleção relacionam os núcleos de sintagmas que estão associados em relações gramaticais específicas. Portanto, as palavras *John* e *proof* são os núcleos dos sintagmas a elas relacionados: *several of John's* ('várias das de João') e *proofs of the theorem* ('provas do teorema') em *several of John's proof of the theorem* ('várias das provas de João do teorema'), e o mesmo traço de seleção que associa sujeito e verbo em *John proved the theorem* ('João provou o teorema') relacionará esses dois itens, apesar de a origem sintática dessa relação ser muito diferente.<sup>28</sup> Voltaremos a esse assunto mais adiante. Por ora, é suficiente apontar que, por meio de uma generalização adequada da interpretação dos traços de seleção, podemos explicar o fato de que a relação de seleção do sintagma nominal possessivo do determinante com o núcleo "verbal" da nominalização derivada é a mesma do sujeito com o verbo do sintagma verbal a ele associado. Portanto, no caso mais simples, todos os traços contextuais dos itens que aparecem como verbos em sintagmas verbais e como nomes derivados em nominalizações derivadas serão comuns aos dois tipos de contexto.

Deve ser observado que apenas no caso **mais simples**, exatamente os mesmos traços contextuais (e de outros tipos) serão associados a um item como verbo e nome. Em geral, as entradas lexicais envolvem conjuntos de traços compartilhados, organizados de formas complexas e pouco compreendidas, e deveríamos esperar encontrar o mesmo fenômeno no caso das nominalizações derivadas, dada a hipótese lexicalista. Exemplos como (31) e (32) ilustram a discrepância de traços contextuais que pode ser encontrada no caso de certos pares nome-verbo.

- (31) (a) our election of John (to the presidency)  
      'nossa eleição de João (à presidência)'  
      (b) our belief in God  
          'nossa crença em Deus'  
      (c) our consideration of John for the job  
          'nossa ponderação de João para o trabalho'

---

<sup>28</sup> Se tomarmos a estrutura em questão como sendo, em vez disso, (*several of [(John's) (proofs of the theorem)]*), teremos a mesma conclusão agora com relação ao sintagma encaixado *John's proofs of the theorem*.

- (32) (a) \*our election of John (to be) president  
 ‘nossa eleição do João (para ser) presidente’  
 (b) \*our belief in God (to be) omnipotent  
 ‘nossa crença em Deus (de ser) onipotente’  
 (c) \*our consideration of John (to be) a fool  
 ‘nossa ponderação de João (de ser) um bobo’

As reações a essas sentenças variam ligeiramente; (31) e (32) representam os meus julgamentos. Diante desses dados, as entradas lexicais devem indicar que orações encaixadas não são permitidas no complemento dos nomes, embora sejam permitidas no complemento dos verbos correspondentes. Qualquer generalização que possa haver sobre esse fenômeno pode ser obtida a partir de entradas lexicais individuais e representada em regras de redundância. Essa discrepância em relação aos traços sintáticos entre os membros *nome* e *verbo* de um par nome-verbo corresponde às discrepâncias semânticas observadas anteriormente e, assim como elas, fortalece a hipótese lexicalista. O mecanismo apropriado para eliminar as sentenças em (32) (e, ao mesmo tempo, permitir as em (31)) é uma regra lexical que rege traços contextuais. Formular essas restrições nos índices de estrutura das transformações seria uma questão bastante complexa.

Considere agora algumas das regras transformacionais que se aplicam internamente a sintagmas nominais complexos. Considere primeiramente sentenças como as de (33) a (36).

- (33) (a) that picture of John’s  
 ‘aquele retrato de João’  
 (b) a picture of John’s  
 ‘um retrato de João’  
 (c) several of those pictures of John’s  
 ‘vários daqueles retratos de João’  
 (d) several pictures of John’s  
 ‘vários dos retratos de João’  
 (34) (a) John’s picture, several of John’s pictures  
 ‘o retrato de João, vários dos retratos de João’

- (b) the picture of John's that Bill painted  
 'o retrato de João que Bill pintou'
- (35) (a) \*the picture of John's  
 'o retrato de João'
- (b) \*several of the pictures of John's  
 'vários dos retratos de João'
- (36) \*John's picture that Bill painted  
 'o retrato de João que Bill pintou'

As expressões de (35) e (36) ilustram uma lacuna sistemática nesse conjunto. Em geral, expressões da forma (PRÉ-ARTIGO *de*) ARTIGO DEFINIDO N *de* SNs e SNs N *que* S não são naturais. As lacunas ilustradas por (35) e (36) são preenchidas por (34a) e (34b) respectivamente.

Juntamente com os exemplos em (33), há um conjunto superficialmente semelhante no qual *John's* ('de João') é substituído por *John* ('João'); daí *that picture of John* ('aquele retrato de João') etc. Nesse caso, os sintagmas são, a princípio, sintagmas nominais complexos com um nome núcleo "relacional", assim como os exemplos em (22). O estatuto dos casos análogos a (35) – a saber, *the picture of John* e *several of the pictures of John* não está claro. Está claro, no entanto, que sintagmas tais como *John's picture* (= (34a)) são ambíguos, significando tanto "o retrato que João possui" quanto "o retrato feito de João".

Com base apenas nas evidências apresentadas até agora, seria possível propor análises transformacionais variadas. De forma especulativa, suponhamos que haja três transformações com, *grosso modo*, os efeitos de (37), (38) e (39) se aplicando na ordem dada a seguir.

- (37) X-the-Y picture that John has → X-John's-Y picture  
 'X-o-Y retrato que João tem → X-de João-Y retrato'
- (38) X-John's-Y picture → X-the-Y picture of John's  
 'X-de João-Y retrato → X-o-Y retrato de João'
- (39) X-the-Y picture of John → X-John's-picture  
 'X-o-Y retrato de João → X-de João-retrato'

X e Y são pré- e pós-artigos (incluindo o elemento demonstrativo) respectivamente. Existem problemas na formulação de tais transformações, aos quais retornaremos a seguir. Para explicar os dados apresentados anteriormente, a transformação em (38) será obrigatória quando Y contiver um elemento demonstrativo (gerando (33a) e (33c), por exemplo) ou quando o sintagma contiver uma oração relativa – bloqueando (36) – e será bloqueada quando Y for nulo; excluindo, assim, (35).

Considere agora os seguintes nominalizações derivadas.

(40) (a) the destruction of the city

‘a destruição da cidade’

(b) the proof of it

‘a prova disso’

(c) the murder of John

‘o assassinato de João’

A regra (39) será aplicada, resultando em transformações como *the city’s destruction* (‘a destruição da cidade’), *its proof* (‘a prova disso’), *John’s murder* (‘o assassinato de João’). A aplicabilidade de (39) às nominalizações derivadas varia em naturalidade, de caso a caso e de falante a falante, e, portanto, deve ser, em parte, especificada como uma propriedade idiossincrática dos itens lexicais, no sentido de Lakoff (1965) e, em parte, determinada pelo caráter do sintagma nominal do complemento, havendo certos sintagmas nominais que não admitem a estrutura possessiva. Quaisquer que possam ser as restrições pormenorizadas, parece claro que a operação em questão se estende a nominalizações derivadas assim como a sintagmas nominais complexos com nomes núcleo “relacionais”. Por conveniência da referência, vou me referir à regra (39) como “regra de anteposição do SN”.

Suponhamos, como sugerido nas referências da nota 3, que a estrutura subjacente às passivas seja, *grosso modo*, SN-Aux-V-SN-*por*  $\Delta$ , em que “*por*  $\Delta$ ” é um sintagma agentivo relacionado, de maneiras cujos detalhes ainda não são claros, a advérbios de meio e modo. A operação passiva é, então, um amálgama de duas etapas: a primeira substitui “ $\Delta$ ” pelo sintagma nominal sujeito; a se-

gunda insere na posição desocupada pelo sujeito o sintagma nominal que está à direita do verbo. Refiramo-nos à primeira operação como “POSPOSIÇÃO DO AGENTE”. A segunda operação tem uma estreita semelhança com a operação de anteposição do SN recém-discutida, e talvez as duas se enquadrem em uma única generalização. Se esse for o caso, então o segundo componente da transformação passiva pode ser aplicado independentemente do primeiro – a saber, como a operação (39) – internamente a sintagmas nominais. Quer isso seja assim quer não, podemos indagar sobre a possibilidade de a operação de posposição do agente ser aplicável independentemente do segundo componente da transformação passiva.

Seguindo essa possibilidade, notamos primeiramente que a possibilidade de passivização é uma propriedade dos verbos – o que é natural, visto que V é a única categoria lexical mencionada no índice da estrutura da transformação. Podemos indicar esse fato, seguindo as referências citadas, através da associação de certos verbos com o traço contextual [*-por* Δ], seja como uma propriedade lexical (em que essa associação é idiossincrática), seja por meio de uma regra de redundância do léxico (em que tal associação está sujeita a alguma regularidade). Presumindo, como anteriormente, que os complementos dos nomes são, em princípio, os mesmos dos verbos, esperaríamos encontrar, em estruturas profundas, sintagmas nominais complexos da forma Det-N-SN-*por* Δ como, por exemplo, *the enemy's-[destroy, +N]-the city-by* Δ ('o inimigo [destruir, +N]-a cidade-por Δ'). A palavra *destroy* será fonologicamente realizada como *destruction* ('destruição') nesse caso, e a preposição *of* ('de') será inserida por uma regra geral que se aplica a construções N-SN.<sup>29</sup> A posposição do

---

<sup>29</sup> Alternativamente, tem sido proposto que a preposição é parte obrigatória do sintagma nominal subjacente e é excluída em certos contextos; por exemplo, no contexto: VERBO \_\_\_\_\_. No entanto, isso me parece duvidoso. Observe que a preposição não é invariavelmente excluída no contexto VERBO \_\_\_\_ SN como, por exemplo, em casos como *approve of John* ('dar aprovação a João'). Portanto, teríamos de postular um traço idiossincrático F que subdivide os verbos entre aqueles que fazem e aqueles que não fazem o apagamento de *of* ('de'). Obviamente, uma bifurcação arbitrária do léxico é o pior cenário possível. Nenhum traço arbitrário desse tipo é necessário se supusermos que *of* é introduzido no contexto N \_\_\_\_ SN. É claro que *approve* ('aprovar') será distinguido de *read* ('ler') por conta de traços de subcategorização estritos [\_\_\_\_ SP], [\_\_\_\_ SN] (ou quaisquer variantes empregadas), exatamente como *laugh (at John)* ('rir (de João)') se distingue de *see (John)* ('ver (João)'); essa, porém, não é uma classificação nova; trata-se, antes, de uma classificação que se faz necessária independentemente da forma como *of* é tratado. Para piorar as coisas para a teoria do apagamento de *of*, o novo e idiossincrático traço F deverá intersectar sentidos relacionados de um único item, uma vez que temos *approve the proposal* ('aprovar a proposta') ao lado de *approve-of the proposal* ('dar aprovação à proposta'). Além disso, existe a possibilidade, que deveria ser explorada, de combinar a regra proposta para a inserção de *of* com a regra que rege a colocação de *of* em construções pré-nominais como *lots of work*

agente será, então, aplicada como na construção passiva, gerando *the destruction of the city by the enemy* ('a destruição da cidade pelo inimigo'). Para fornecer esse resultado, precisamos apenas estender a operação de modo que seu domínio possa ser tanto um sintagma nominal quanto uma sentença – uma modificação da teoria das transformações que está implícita na hipótese lexicallista; e devemos, de alguma forma, explicar a ocorrência do artigo definido na estrutura transformada, assim como no caso da transformação (38). Uma modificação adicional é requerida por sintagmas como *the offer by John* ('a oferta por João'), que indicam, como é bastante natural, que dos dois componentes da transformação passiva, apenas a anteposição do SN (e não a posposição do agente) requer a presença de um objeto – mais geralmente, de um sintagma nominal, como nas “pseudopassivas” *John was laughed at... approved of* ('João foi alvo de risos... recebeu aprovação') etc. – na posição seguinte ao verbo.<sup>30</sup>

Observe que um verbo que não está sujeito à passivização, como *marry* ('casar') (em um de seus sentidos) ou *resemble* ('parecer'), não estará sujeito a essa operação tanto quanto uma nominalização derivada. Assim, *John's marriage to Mary* ('o casamento de João com Maria') e *John's resemblance to Bill* ('a semelhança de João com Bill') não se transformarão em *the marriage to Mary by John* ('o casamento com Maria por João') nem em *the resemblance to Bill by John* ('a semelhança com Bill por João') – embora *John's offer (of amnesty) to the prisoners* ('a oferta de João (de anistia) aos prisioneiros') se transforme em *the offer (of amnesty) to the prisoners by John* ('a oferta (de anistia) aos prisio-

---

('muito trabalho'), *several of the boys* ('vários dos meninos'), *a group of men* ('um grupo de homens') etc. Essas considerações sugerem que a preposição é parte inerente do sintagma preposicional, mas não do objeto.

<sup>30</sup> Essa análise dos sintagmas em questão é proposta por Hasegawa (1968). Hasegawa sugere, ainda, que a construção passiva deriva de uma estrutura matriz que contém o sujeito gramatical como objeto. Assim, *Bill was seen by John* ('Bill foi visto por João') derivaria de algo como *Bill is: John saw Bill* ('Bill é: João viu Bill'). Apesar de seus argumentos, estou cético em relação a essa proposta. Uma objeção séria – ao que me parece – é que existem sintagmas que podem aparecer como sujeitos gramaticais apenas na construção passiva. Assim, podemos ter *a man to do the job was found by John* ('um homem para fazer o trabalho foi encontrado por João') a partir de *John found a man to do the job* ('João encontrou um homem para fazer o trabalho') – cf. (22n), mas expressões como *a man to do the job came to see me* ('um homem para fazer o trabalho veio me ver') parecem altamente artificiais. Da mesma forma, existem certas expressões idiomáticas que admitem passivização (cf. *Aspects*, p. 190.), embora o sintagma que aparece como sujeito gramatical não possa normalmente aparecer como sujeito na estrutura profunda – *I didn't expect that offense would be taken at that remark* ('eu não esperava que aquilo fosse levado a mal por conta daquele comentário'), *advantage was taken of John* ('tirou-se vantagem de João') etc. Tais fatos são difíceis de ser conciliados com a proposta de que a construção passiva deriva de uma proposição matriz com um complemento encaixado.

neiros por João’) – para observações adicionais, cf. Lees (1960). No entanto, essa é uma questão obscura, e não se podem tirar conclusões com segurança.

Nós discutimos agora duas transformações que se aplicam a sintagmas nominais complexos: a posposição do agente, que gera *the destruction of the city by the enemy* (‘a destruição da cidade pelo inimigo’), e a anteposição do SN, que gera *the city’s destruction* (‘a destruição da cidade’). A posposição do agente é simplesmente uma generalização de um dos componentes da transformação passiva. A anteposição do SN é semelhante ao outro componente e pode se enquadrar em uma de suas generalizações. Suponha agora que tenhamos uma estrutura profunda subjacente da forma Det-N-Compl, em que o determinante é um sintagma nominal (em última análise, possessivo, se permanecer nessa posição), e o complemento é um sintagma nominal seguido pelo sintagma agentivo *por*  $\Delta$  como, por exemplo, *the enemy-destruction-of the city-by*  $\Delta$  (‘o inimigo-destruição-de a cidade por  $\Delta$ ’). Aplicando a posposição do agente, derivamos *the-destruction of the city-by the enemy* (‘a destruição da cidade-pelo inimigo’), como anteriormente. Se nós estendermos a anteposição do SN de modo que ela possa ser aplicada não apenas aos casos dados anteriormente, mas também antes de sintagmas agentivos, derivaremos, a partir da última estrutura formada, o sintagma *the city’s destruction by the enemy* (‘a destruição da cidade pelo inimigo’). É importante notar, então, que esse último sintagma é apenas aparentemente a nominalização de uma construção passiva; se ele fosse realmente a nominalização de uma construção passiva, esse fato refutaria a hipótese lexicalista, uma vez que, como foi enfatizado anteriormente, ele decorre da hipótese de que as estruturas transformadas não devem sofrer os processos que geram nominalizações derivadas. Na verdade, uma das principais justificativas empíricas oferecidas em favor da hipótese lexicalista é a de que, em vários outros casos enigmáticos, é precisamente este o cenário que descobrimos. Agora, porém, vemos que os sintagmas cruciais não precisam ser considerados nominalizações transformacionalmente derivadas da construção passiva (com o auxiliar desaparecendo misteriosamente), mas podem, em vez disso, ser explicados como sendo, na verdade, construções passivas de nominalizações derivadas geradas na base, via transformações motivadas independentemente.

Observe que a posposição do agente é obrigatória para certos sintagmas nominais sujeitos que não permitem a formação de possessivos. Uma vez que a



posposição do agente é não especificada para nominalizações gerundivas, há certas nominalizações derivadas sem contraparte gerundiva, como apontado na nota 11. Sob a hipótese transformacionalista, não haveria razão para esperar a posposição do agente mais em nominalizações derivadas do que em gerundivas. Portanto, um argumento adicional em favor da hipótese lexicalista é o de que ela fornece essa distinção, em bases independentes.

É possível que nominalizações derivadas como *the necessity for John to leave* ('a necessidade de João ir embora'), *the likelihood that John will leave* ('a possibilidade de que João vá embora') etc. possam ser derivadas por meio da aplicação obrigatória da posposição do agente a partir dos sintagmas nominais subjacentes [*for John to leave*]'s *necessity* ('a necessidade de João ir embora') e [*that John will leave*]'s *likelihood* ('a possibilidade de que João vá embora').

Uma regra transformacional secundária substituirá *by* ('por') por *of* ('de') sob certas condições, permitindo *the refusal to leave of those men* ('a recusa de sair desses homens') – ou *the refusal of those men to leave* ('a recusa desses homens de sair') – alternando com *the refusal to leave by those men* ('a recusa de sair por esses homens') ou *the refusal by those men to leave* ('a recusa por esses homens de sair'). A princípio, essa é a regra aplicada no caso das nominalizações *the growling of the lion* ('o rugir do leão') etc. Alguns falantes aparentemente aceitam expressões como *John's likelihood of leaving* ('a possibilidade de João de ir embora'), embora para mim elas sejam totalmente inaceitáveis. Talvez essas expressões possam ser derivadas por uma extensão da anteposição do SN, a partir de *the likelihood of John leaving* ('a possibilidade de João sair'). Expressões como *\*John's likelihood to leave* ('a possibilidade de João sair') aparentemente não são aceitáveis para ninguém, exatamente como previsto pela hipótese lexicalista.

Está implícita nas regras dadas até agora a possibilidade de haver sintagmas nominais de base da forma Det-N-SN *por*  $\Delta$ , em que o nome núcleo não é derivado de uma base subjacente que também aparece como verbo; um caso do tipo ilustrado em (22), portanto. Naturalmente, essa possibilidade será realizada como uma estrutura superficial bem formada apenas se o determinante for preenchido por um sintagma que pode, em última análise, aparecer na posição de agente, substituindo o símbolo " $\Delta$ ", que vai, de outro modo – através do efeito filtrante das transformações – marcar a estrutura como malformada. Se for

verdade, como sugerido anteriormente, que alguma forma de “posse inalienável” é expressa por regras de base que geram sintagmas nominais na posição do determinante, então a possibilidade recém-esboçada pode ser alcançada. Uma análise mais completa de sintagmas como *John’s picture* (‘o retrato de João’) brevemente discutidos anteriormente sugere que pode haver estruturas desse tipo. Notamos que existem duas interpretações para esse sintagma: uma derivada da estrutura subjacente a *the picture that John has* (‘o retrato que João tem’) pela regra (37), e outra derivada, pela regra (39), pela anteposição do SN, a partir do sintagma nominal complexo que seria, de outro modo, realizado como *the picture of John* (‘o retrato de João’). Contudo, existe ainda uma terceira interpretação, com o mesmo significado de *the picture that John painted* (‘o retrato que João pintou’). Concebivelmente, esta é a interpretação atribuída à estrutura de base [<sub>Det</sub> *John’s*]<sub>Det</sub> [<sub>N</sub> *picture*]<sub>N</sub>, com uma generalização da noção de “posse inalienável” sobre uma espécie de “conexão intrínseca”. Uma ambiguidade tripla semelhante pode ser encontrada em outros casos; por exemplo, *John’s story* (‘a história de João’) em que João pode ser o tema da história – *the story of John* (‘a história de João’) –, ser o autor (conexão intrínseca) ou ser um editor que recomenda a história para publicação em uma reunião – *the story that John has* (‘a história que João tem’). Observe que, se *John’s picture* (‘o retrato de João’) e *John’s story* (‘a história de João’) etc. forem geradas na base com o sentido de conexão intrínseca, eles estarão sujeitas à regra (38), gerando *that picture of John’s* (‘aquele retrato de João’), *those stories of John’s* (‘aquelas histórias de João’), *the story of John’s that I told you about* (‘a história de João sobre a qual lhe falei’) e assim por diante; todas com o significado de conexão intrínseca. Os últimos sintagmas serão, portanto, ambíguas bidirecionalmente, significando *the picture that John has* (‘o retrato que João tem’) ou *the picture that John painted* (‘o retrato que João pintou’) – embora não *the picture of John* (‘o retrato de João’) e assim por diante. Isso, obviamente, é verdade e fornece algum suporte adicional para a análise proposta.

Considere, agora, a estrutura de base Det-N-SN-by  $\Delta$ , em que o determinante é realizado na base como sendo o sintagma nominal *John* (‘João’), o nome núcleo como *picture* (‘retrato’) e o complemento como *Mary* (‘Maria’). Sem o sintagma agentivo na estrutura de base, teremos *John’s picture of Mary* (‘o retrato de João de Maria’) – naturalmente, ele mesmo um sintagma ambíguo,

uma vez que outra origem para ele poderia ter sido a estrutura subjacente *the picture of Mary that John has* ('o retrato de Maria que João tem').<sup>31</sup> Com o sintagma agentivo gerado na base, a transformação de posposição do agente deve se aplicar, gerando *the picture of Mary by John* ('o retrato de Maria por João'). Se o complemento tivesse sido omitido, derivaríamos *the picture by John* ('o retrato por João'). A posposição do agente deve preceder a transformação da anteposição do SN que gera *the city's destruction*, ou derivaremos *the destruction by the city* ('a destruição pela cidade') a partir de *the-destroy-the-city* ('o-destruir-a-cidade'). Isso, portanto, é decorrência de *the picture (of Mary) by John* ('o retrato (de Maria) por João') não poder ser derivado do sintagma *John's picture* ('o retrato de João'), que é derivado, por sua vez, de *the picture of John* ('o retrato de João'). Portanto, *the picture of Mary by John* ('o retrato de Maria por João') não pode ter este último significado. Seguindo esse raciocínio, uma série de fatos se encaixa de uma forma que parece bastante natural.

Considere, por fim, um caso um pouco mais complicado, a saber, uma estrutura da forma Det-N-SN-*por*  $\Delta$ -*que* SN *tem*, em que o determinante é um sintagma nominal possessivizado. Um exemplo seria (41).

(41) Rembrandt's portrait of Aristotle by  $\Delta$  that the Metropolitan Museum has.

'o retrato de Rembrandt de Aristóteles por  $\Delta$  que o Museu Metropolitano tem'

Aplicando a posposição do agente, derivamos *the portrait of Aristotle by Rembrandt that the Metropolitan Museum has* ('o retrato de Aristóteles por Rembrandt que o Museu Metropolitano tem'). A regra (37) gera *the Metropolitan Museum's portrait of Aristotle by Rembrandt* ('o retrato de Aristóteles do Museu Metropolitano por Rembrandt'). A regra (38) geraria, então, o sintagma esquisito *the portrait of Aristotle by Rembrandt of the Metropolitan Museum's* ('o retrato de Aristóteles por Rembrandt do Museu Metropolitano'). Isso seria

---

<sup>31</sup> Observe, então, que a transformação (37), que gera *John's picture* a partir de *the picture that John has*, também irá gerar *John's picture of Mary* a partir de *the picture of Mary that John has*. A transformação, portanto, não se aplica a uma estrutura da forma Det-N-*que* SN *tem*, mas a Det-N-*que* SN *tem*, em que "N" representa a expressão "*picture of Mary*" em *the picture of Mary that John has* ou a expressão "*picture*" em *the picture that John has*. Retomaremos seguir o estatuto de N. Anteriormente, notamos outra situação em que o nome e seu complemento parecem formar uma única unidade.

natural se o último sintagma – *of the Metropolitan Museum's* ('do Museu Metropolitano') – fosse omitido, caso em que a regra (39), anteposição do SN, seria, então, aplicada para gerar *Aristotle's portrait by Rembrandt* ('o retrato de Aristóteles por Rembrandt'). Obviamente, a regra de posposição do agente deve ser aplicada antes da regra (37), que forma SN's N a partir de *the N que o SN tem*. Além disso, a regra de posposição do agente não pode ser aplicada depois da regra (37). Se esse ordenamento fosse permitido, a estrutura subjacente *the portrait of Aristotle by Δ that the Metropolitan has* ('o retrato de Aristóteles por Δ que o Metropolitano tem') se tornaria, através de (37), *the Metropolitan's portrait of Aristotle by Δ* ('o retrato de Aristóteles por Δ do Metropolitano') e, então, aplicando a posposição do agente: *the portrait of Aristotle by the Metropolitan* ('o retrato de Aristóteles pelo Metropolitano'). Portanto, o ordenamento das transformações sob discussão deve ser: posposição do agente, (37), (38) e (39).

Até agora, viemos explorando a possibilidade de sintagmas nominais complexos – que, em última instância, serão possessivizados se não forem removidos do determinante por uma transformação – serem derivados diretamente por regras de base como (29). Notamos, no entanto, que, quando o sintagma nominal é removido do determinante, um artigo pode aparecer na posição desocupada. Assim, podemos ter *the picture of Mary by John* ('o retrato de Maria por João'), *a picture of Mary by John* ('um retrato de Maria por João'), *several pictures of Mary by John* ('vários retratos de Maria por João'), *one of the pictures of Mary by John* ('um dos retratos de Maria por João') etc. Esses fatos sugerem que a regra (29b) esteja incorreta e que seja substituída por algo como (42).

(42) Artigo → [ $\pm$  DEF, (SN)]

O artigo pode, então, ser definido ou indefinido, ou pode ser um sintagma nominal completo com o traço [+DEFINIDO] ou [-DEFINIDO]. Quando o sintagma nominal é removido do determinante por uma transformação, o traço [ $\pm$ DEFINIDO] vai permanecer tanto quanto permanece o traço [+PRO] em certas posições quando um sintagma nominal é removido; continuando com essa análise, teríamos de estipular que uma regra que se aplica automaticamente depois de (37) e depois de (39) – portanto, também a SNs gerados na posição de artigo

por regras de base – atribui o formativo possessivo à última palavra do SN em questão. Uma análise semelhante seria válida para nominalizações derivadas, gerando sintagmas como (*several of*) *the proofs of the theorem by John* (‘(várias das) provas do teorema por João’), *several proofs of the theorem by John* (‘várias provas do teorema por João’), que não é definido, como podemos observar com base na sentença *there were several proofs of the theorem (by John) in the most recent issue of the journal* (‘havia várias provas (por João) do teorema na edição mais recente do periódico’) etc. Quando o sintagma nominal constitui o determinante pleno na estrutura superficial, o traço em questão deve ser interpretado como definido, como podemos observar com base na impossibilidade de *\*there were John’s proofs of the theorem in the journal* (‘havia provas de João do teorema no periódico’), com a mesma interpretação.

A regra (42) não pode ser formulada dentro do arcabouço teórico que pressupusemos até agora (cf. nota 3), o qual considera que complexos de traços são associados apenas a categorias lexicais e permite que símbolos complexos dominem uma sequência de elementos apenas dentro da palavra – cf. Chomsky (1965, p. 188). Já foi sugerido várias vezes que essa restrição é forte demais e que certos traços também deveriam ser associados a categorias sintagmáticas não lexicais.<sup>32</sup> As presentes considerações dão suporte adicional a essas propostas.

Essa extensão da teoria de traços sintáticos sugere que a distinção entre traços e categorias é bastante artificial. Nos trabalhos iniciais em Gramática Gerativa, assumia-se que os elementos da gramática de base subjacente eram formativos e categorias; cada categoria correspondia a uma classe de sequências de formativos. Essa suposição foi herdada das teorias sintáticas estruturalistas, que consideravam uma gramática como um sistema de classes de elementos derivados de procedimentos analíticos de segmentação e classificação. Por razões dis-

---

<sup>32</sup> Cf. Weinreich (1966) e McCawley (1967). Vários dos argumentos apresentados nesses trabalhos me parecem, contudo, muito fracos. Por exemplo, McCawley defende que os índices devem ser atribuídos a sintagmas nominais plenos em vez de serem atribuídos a nomes, como sugerido em *Aspects*. Mas esse argumento decorre de uma suposição que não vejo qualquer razão para aceitar, a saber, que na teoria delineada por Chomsky (1965), um índice deve ser atribuído ao nome *hat* (‘chapéu’) em sentenças como *John bought a red hat and Bill bought a brown one* (‘João comprou um chapéu vermelho, e Bill comprou um marrom’). Essa suposição, por sua vez, decorre de uma teoria de índices como referentes que considero ininteligível, já que não fornece nenhuma interpretação – até onde posso ver – para o caso em que nomes são usados sem nenhuma referência específica pretendida ou para plurais de indefinidos ou de referência infinita e assim por diante. Até que essas questões sejam esclarecidas, não vejo força na alegação de McCawley.

cutidas em Chomsky (1965, cp. 2), logo se julgou necessário se afastar dessa suposição no caso das categorias lexicais. A “teoria mista” resultante tinha uma certa artificialidade técnica, na medida em que as categorias lexicais eram interpretadas tanto como categorias de base (N, V etc.) quanto como traços do léxico (+N, +V etc.).

Na verdade, quando o artifício de se valer de procedimentos analíticos de segmentação e classificação é abandonado, não há absolutamente qualquer razão para manter a noção de “categoria”, mesmo para a base. Poderíamos igualmente eliminar a distinção entre *traço* e *categoria* e conceber todos os símbolos da gramática como conjuntos de traços. Se os elementos SN, SV etc. forem tratados como complexos de traços, então não há incoerência em supor que existem símbolos complexos da forma [+DEF, +SN]. Obviamente, será necessário estipular com cuidado as condições precisas sob as quais os símbolos complexos podem ser formados, em cada nível; caso contrário, o sistema da gramática se tornará tão poderoso que perderá o interesse empírico. Várias restrições possíveis são autoevidentes, mas não explorarei mais essa questão geral neste trabalho.

A reanálise das categorias sintagmáticas como traços permite a formulação de regras de base como (42) bem como das regras transformacionais que foram introduzidas em nossa discussão informal sobre sintagmas nominais complexos. Tal reanálise também abre outras possibilidades que devem ser consideradas. Por exemplo, com ela, torna-se possível, sob certas circunstâncias restritas, introduzir novas estruturas sintagmáticas por meio de transformações. Para ilustrar essa possibilidade com um exemplo concreto, considere sentenças como (43) e (44).

(43) A man is in the room.

‘um homem está no quarto’

(44) There is a man in the room.

‘há um homem no quarto’

Fica claro, em (44), que *there* é um sintagma nominal; a sentença em (44) está sujeita a regras como, por exemplo, a transformação interrogativa que pressupõe essa análise. Ao mesmo tempo, há algum suporte empírico em favor da

ideia de que (44) é derivado de (43). Contudo, é difícil conciliar essas conclusões dentro da Teoria da Gramática Transformacional, já que se pode atribuir uma estrutura sintagmática a um item (como *there*), introduzido por uma transformação, apenas quando esse item substitui uma sequência que já possui essa estrutura sintagmática – e gerar (44) dessa forma requer algum tipo de artificialidade. No entanto, se [+SN] for um traço (ou um complexo de traços) que pode ser parte de um símbolo complexo introduzido por uma transformação, a dificuldade é facilmente removida.

Por exemplo, se atribuirmos à estrutura subjacente (43) a devida análise (*e, e, a man, is, in the room*)<sup>33</sup> e aplicarmos a transformação elementar que substitui o primeiro termo pelo símbolo complexo [*there*, +SN] – com “*there*” representando uma matriz de traços do tipo convencional – e o segundo termo pelo quarto que é, então, apagado, derivamos um marcador sintagmático apropriado para operações adicionais.

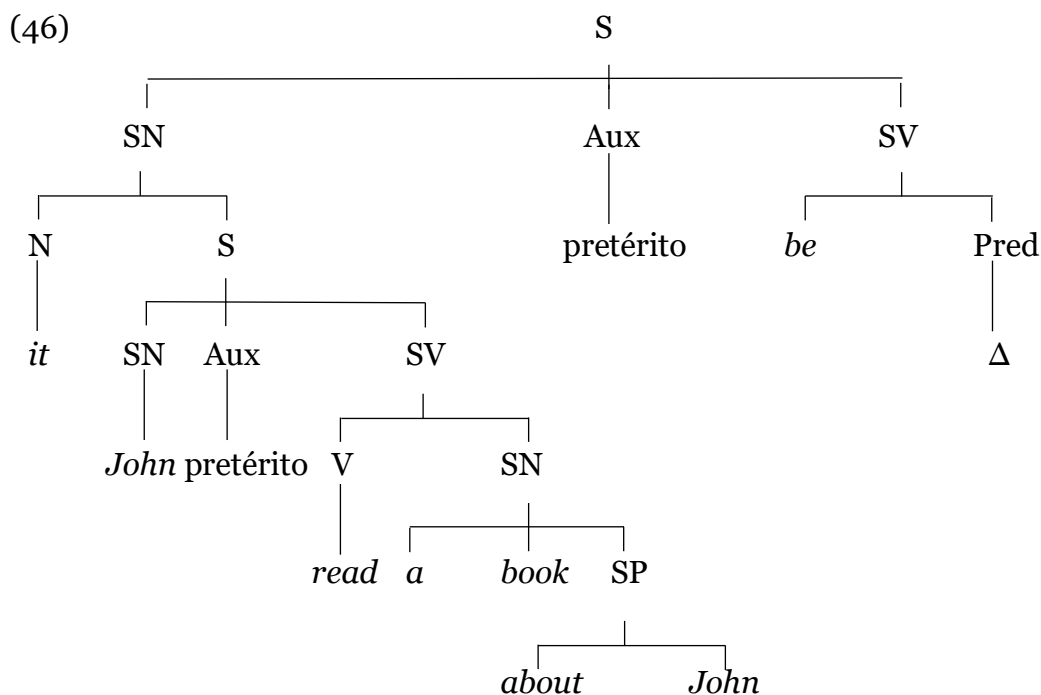
Para dar um exemplo um pouco mais complexo, considere sentenças como (45).

- (45) (a) What John did was read a book about himself.  
‘o que João fez foi ler um livro sobre si mesmo’  
(b) What John read was a book about himself.  
‘o que João leu foi um livro sobre si mesmo’

Como observado anteriormente, podemos explicar algumas das propriedades dessas sentenças derivando-as de uma estrutura de base com, *grosso modo*, a forma de (46).

---

<sup>33</sup> Em que “*e*” é o elemento de identidade. Para ser mais preciso, a descrição estrutural da transformação teria de fornecer informações adicionais, mas isso vai além do detalhamento necessário para esclarecer o ponto em questão. Seria possível estender essa operação de inserção de *there* introduzindo o símbolo complexo [*there*, +SN,  $\alpha$  plural] ( $\alpha = +$  ou  $\alpha = -$ ), em que o terceiro termo na análise correta – *a man* (‘um homem’) no exemplo citado – é [ $\alpha$  plural], sendo a pluralidade agora considerada como um traço que ascende de um nome núcleo até o SN que o domina. Isso possibilitaria que a regra de inserção de *there* precedesse a regra de concordância de número; também tornaria possível a derivação de *there are believed to be CIA agents in the university* (‘acredita-se que haja agentes da CIA na universidade’) a partir de *it is believed [there to be CIA agents in the university]* (‘acredita-se [que há agentes da CIA na universidade]’) assim como *CIA agents are believed to be in the university* (‘acredita-se que agentes da CIA estejam na universidade’) poderia derivar de *it is believed [CIA agents to be in the university]* (‘acredita-se [que agentes da CIA estão na universidade]’), de acordo com o que foi descrito por Rosenbaum (1967).



Poderíamos, então, derivar (45b) da seguinte maneira: as regras já conhecidas se aplicam ao S mais profundamente encaixado, gerando *John* PRET *read a book about himself* ('João PRET ler um livro sobre si mesmo'). Uma nova transformação de substituição substitui o predicado não especificado "Δ" de (46) pelo objeto da sentença encaixada, *a book about himself* ('um livro sobre si mesmo'), deixando uma "PRO-forma" em seu lugar. Isso resulta em *it-John* PRET *read it- PRET be-a book about himself* ('PRO-forma-João PRET ler PRO-forma-PRET ser-um livro sobre si mesmo'). A regra que gera relativas e outras regras já conhecidas, suplementadas por uma regra que substitui *it that* por *what*, geram (45b).

Considere, contudo, (45a). Mais uma vez, o S mais profundamente encaixado é convertido em *John read a book about himself* ('João leu um livro sobre si mesmo'). Entretanto, nesse caso, a nova transformação de substituição não substitui o predicado não especificado pelo objeto da oração encaixada, mas por todo o seu sintagma verbal, que é substituído por uma "PRO-forma" *do-it*, gerando *it-John* PRET *do it- PRET be-read a book about himself* ('PRO-forma-João PRET fazer-PRO-forma PRET ser-ler um livro sobre si mesmo'). As regras restantes geram (45a). O problema, no entanto, é que o elemento *do-it* deve ser especificado como uma estrutura da forma V-SN. Isso é feito de forma direta no caso do "PRO -verbo" *do*, mas no modelo teórico anterior, não havia como especificar



que *it* fosse um SN na estrutura derivada. Observe que o SV encaixado é substituído por *do-it* mesmo quando ele não contém nenhum SN, tal como em *what John did was read* ('o que João fez foi ler'). O argumento de que o elemento *do-it* é, na verdade, V-SN é fortalecido por outras formas, por exemplo, pela sentença (47)<sup>34</sup>, em que a passivização se aplica a *it*.

(47) John apologized more meekly than it had ever been done before.

'João se desculpou com mais humildade do que já tinha sido feito antes'

Mais uma vez, se as categorias sintagmáticas forem reinterpretadas como traços, não há problema em formular as regras necessárias. O verbo do SV encaixado pode se tornar *do* por uma extensão da regra de inserção de *do*, e o símbolo complexo [*it*, +SN] é introduzido pela transformação na posição apropriada.

Em síntese, há alguma motivação para a extensão limitada dos mecanismos de atribuição de estrutura de constituintes derivada que resulta de uma decisão de substituir sistematicamente categorias por traços que podem entrar em símbolos complexos.

Continuando a explorar as consequências da hipótese lexicalista, voltemos às regras em (21), que fazem uma expansão de SN, SV e SA em expressões contendo complementos opcionais. A categoria sintagmática COMPLEMENTO parece não desempenhar nenhum papel nas transformações. Podemos facilmente abolir essa categoria se substituirmos as regras em (21) por um único esquema, com uma variável representando as categorias lexicais N, A e V. Para introduzir uma notação mais uniforme, vamos usar o símbolo " $\bar{X}$ " para um sintagma contendo X como seu núcleo. Então, as regras que introduzem N, A e V serão substituídas por um esquema, (48), em que, no lugar de "...", aparece toda a gama de estruturas que servem como complemento, e X pode ser qualquer N, A ou V.

(48)  $\bar{X} \rightarrow X...$

Continuando com a mesma notação, os sintagmas que dominam imediatamente  $\bar{N}$ ,  $\bar{A}$  e  $\bar{V}$  serão designados  $\bar{\bar{N}}$ ,  $\bar{\bar{A}}$  e  $\bar{\bar{V}}$  respectivamente. Para introduzir

---

<sup>34</sup> John Ross me chamou a atenção para esse fato.

mais uniformidade terminológica, vamos nos referir ao sintagma associado a  $\bar{N}$ ,  $\bar{A}$  e  $\bar{V}$  na estrutura de base como o “especificador” desses elementos. Então, os elementos  $\bar{N}$ ,  $\bar{A}$  e  $\bar{V}$  podem ser, eles mesmos, introduzidos no componente base pelo esquema em (49).

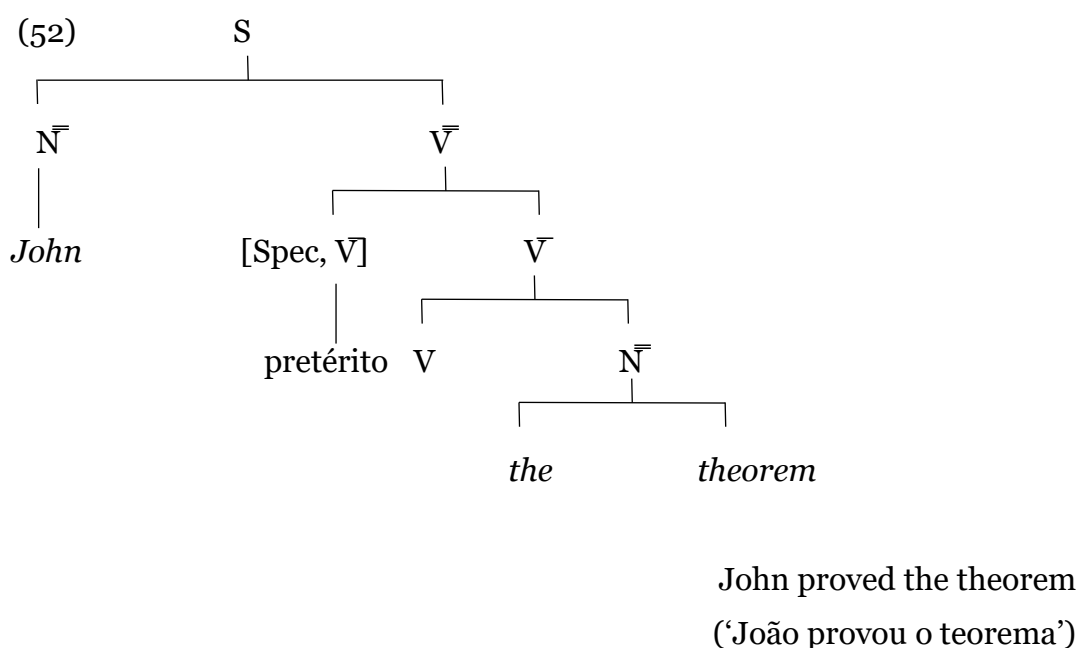
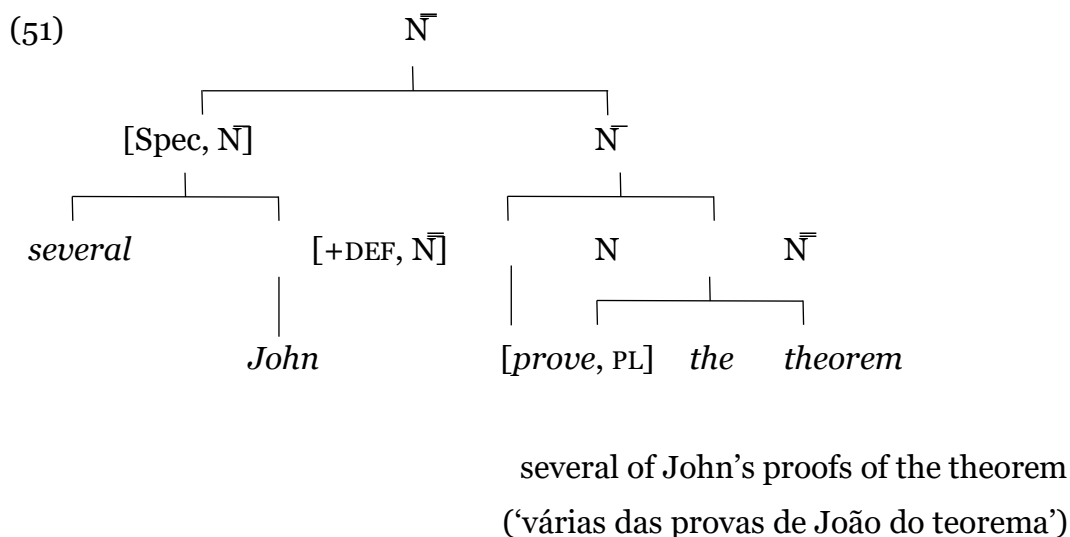
$$(49) \bar{X} \rightarrow [\text{Spec}, \bar{X}] \bar{X}$$

Em (49), [Spec,  $\bar{N}$ ] será analisado como sendo o determinante; [Spec,  $\bar{V}$ ], como o auxiliar (talvez com advérbios de tempo associados), e [Spec,  $\bar{A}$ ] talvez como sendo o sistema de elementos qualificadores associados a sintagmas adjetivais (estruturas comparativas,  *muito* etc.). A regra inicial da gramática de base seria, então, (50) (com possíveis elementos opcionais).

$$(50) S \rightarrow \bar{N}\bar{V}$$

Assim, uma forma esquemática de base é induzida pelas categorias “primitivas”  $\bar{N}$ ,  $\bar{A}$  e  $\bar{V}$  que, como observado anteriormente, podem, elas próprias, ser o reflexo de uma estrutura de traços subjacente.

Em outros aspectos, as categorias primitivas podem diferir, por exemplo, se  $\bar{V}$  é analisado em uma construção CÓPULA-PREDICADO. Além disso, pode-se esperar que as regras de base para qualquer língua conterão modificações específicas àquela língua em relação ao padrão geral. Se essa linha de raciocínio estiver correta, a estrutura das nominalizações derivadas seria algo como (51), e a estrutura de uma sentença relacionada, como (52) (omitindo-se muitos detalhes).



A estrutura interna da nominalização (51) espelha a da sentença (52). Os traços de subcategorização estritos do item lexical *prove* (‘prova-’) dão conta dos sintagmas  $\bar{V}$  e  $\bar{N}$  que dominam a categoria ao qual ele é atribuído em (51) e (52) respectivamente. Seus traços de seleção se referem aos núcleos dos sintagmas associados, que são iguais em ambos os casos. A categoria  $\bar{N}$ , assim como a categoria S, é um elemento de base recursivo.<sup>35</sup> De forma semelhante, seria natural supor que, na aplicação cíclica de transformações, os sintagmas da forma  $\bar{N}$

<sup>35</sup> A mesma conclusão é defendida, com fundamentações diferentes, por Lakoff & Peters (1966). Evidências adicionais de que as transformações se aplicam ao domínio  $\bar{N}$  são fornecidas pelo fato (apontado por John Ross) de que a extraposição do determinante ocorre dentro do sintagma nominal, como em *one of the boys who are here who is a friend of mine* (‘um dos meninos que estão aqui que é amigo meu’).

desempenham o mesmo papel que os sintagmas da forma S desempenham na especificação do domínio das transformações.

Uma estrutura do tipo recém-delineado é uma reminiscência do sistema de análise de estrutura sintagmática desenvolvido por Harris nos anos 1940.<sup>36</sup> No sistema de Harris, as formulações que se aplicam às categorias representadas na forma  $X^n$  (tal que  $n$  é um numeral) também são aplicadas às categorias representadas na forma  $X^m$  (tal que  $m < n$ ). Seria possível procurar propriedades análogas a esse sistema recém-analisado.

Até agora, examinamos algumas evidências em favor da hipótese lexicalista e exploramos suas consequências para a teoria gramatical e para a análise da estrutura do inglês. Como foi observado, a objeção central a qualquer forma da hipótese lexicalista em trabalhos anteriores, como Lees (1960), foi eliminada por elaborações posteriores da teoria sintática para incorporar traços sintáticos e um léxico independente. Contudo, outras objeções permanecem. A conclusão mais forte e interessante que decorre da hipótese lexicalista é a de que as nominalizações derivadas devem ter a forma de sentenças de base, enquanto as nominalizações gerundivas podem, em geral, ter a forma de estruturas transformadas. Indicamos que, em muitos casos, essa conclusão é confirmada e que, pelo menos, alguns contraexemplos aparentes – como, por exemplo, *the city's destruction by the enemy* ('a destruição da cidade pelo inimigo') – podem ser satisfatoriamente explicados em termos de regras motivadas independentemente. Restam, no entanto, alguns casos mais difíceis. Como é bastante sabido, processos de morfologia derivacional são aplicáveis em sequência – eles podem até mesmo ser recursivos.<sup>37</sup> Considere, porém, expressões como (53).

- (53) (a) The book is readable.  
      'o livro é legível'  
      (b) the book's readability  
      'a legibilidade do livro'  
      (c) John is self-indulgent.  
      'João é autoindulgente'

---

<sup>36</sup> Harris (1951, cp. 16).

<sup>37</sup> Alguns exemplos são discutidos por Chapin (1967), que defende a hipótese transformacionista seguindo uma fundamentação para a qual nos voltaremos brevemente a seguir.

(d) John's self-indulgence  
'a autoindulgência de João'

Se a hipótese lexicalista for aceita para toda a gama de nominalizações derivadas, então (53b) e (53d) devem ser analisados em termos de estruturas de base como (51). Já que *readability* ('legibilidade') e *self-indulgence* ('autoindulgência') são obviamente derivados de *readable* ('legível') e *self-indulgent* ('autoindulgente'); disso decorre que (53a) e (53c) também devem, de fato, ser estruturas de base, em vez de estruturas transformadas de outras estruturas como, talvez, (54).

- (54) (a) The book is able [<sub>s</sub> for the book to be read]<sub>s</sub>.  
'o livro é capaz [<sub>s</sub> para o livro ser lido]<sub>s</sub>  
(b) John is indulgent to John.  
'João é indulgente com João'

No entanto, pode-se argumentar em favor de uma derivação transformacional para (53a) e (53c) a partir de algo como (54a) e (54b), contradizendo a hipótese lexicalista, nesse caso.

A seriedade dessa objeção em relação à hipótese lexicalista depende da força do argumento em favor da derivação transformacional em questão. A mim parece que o argumento é muito pouco persuasivo. Observe, por um lado, que a transformação proposta não "preserva significado" (exceto no seu sentido banal discutido anteriormente), como observa Chapin. Na verdade, as observações da nota 12 também podem ser estendidas para esses casos. Assim, *readable* ('legível') é muito mais restrito em significado do que *able to be read* ('capaz de ser lido'). Em uma ampla gama de outros casos, o significado é restrito ou baseado em uma sub-regularidade bastante diferente; considere *commendable* ('recomendável'), *abominable* ('abominável'), *irreplaceable* ('insubstituível'), *incomparable* ('incomparável'), *despicable* ('desprezível'), *decidable* ('decidível'), *laudable* ('louvável'), *insufferable* ('intolerável'), *noticeable* ('perceptível'), *changeable* ('modificável'), *pitiable* ('lastimável'), *enviable* ('invejável'), *preferable* ('preferível'), *inviolable* ('inviolável'), *admirable* ('admirável'), *deplorable* ('deplorável'), *adorable* ('adorável'), *irritable* ('irritável'), *lamentable* ('lamentável'),

*quotable* ('citável'), *detestable* ('detestável'), *lovable* ('amável'), *admissible* ('admissível'), *livable* ('habitável'), *laughable* ('risível'), *honorable* ('honorável'), *valuable* ('valioso') e assim sucessivamente.<sup>38</sup> Disso decorre que qualquer argumento em favor da análise transformacional que tem uma fundamentação semântica ou se fundamenta em relações de seleção será muito fraco.

Na verdade, mesmo no melhor dos cenários, esses argumentos são fracos; de maneira semelhante, desde os primeiros trabalhos em Gramática Gerativo-Transformacional, tem sido feita uma tentativa de corroborar esses argumentos através de uma argumentação sintática independente. A razão é que uma abordagem alternativa, não transformacional, pode ser vislumbrada se a base para as transformações for simplesmente equivalência de significado ou uniformidade de relações de seleção. Quando o embasamento é semântico, uma alternativa é um enriquecimento das regras de interpretação semântica,<sup>39</sup> e regularidades que envolvem apenas traços de seleção poderiam, em princípio, ser formuladas como regras de redundância do léxico.<sup>40</sup> Por exemplo, na medida em que existe uma sub-regularidade em relação às regras de seleção no caso de *-able* ('-vel'), há a possibilidade de se formular uma regra lexical que atribui o traço [X \_\_\_] a um item lexical [V-able], em que V tem o traço de seleção intrínseco [ \_\_\_X]. Disso decorreria, então, que, quando a construção passiva encaixada em (54a) tiver como sujeito gramatical um sintagma nominal que não é o objeto subjacente – ou o “pseudo-objeto” no caso das “pseudopassivas” como *he can be reli-*

---

<sup>38</sup> Há também, é claro, muitos exemplos para os quais não há uma forma de base possível como para (54a); por exemplo, *probable* ('provável'), *feasible* ('viável'), *(im)practicable* ('(im)praticável'), *formidable* ('formidável'), *peaceable* ('pacífico'), *knowledgeable* ('conhecedor'), *perishable* ('perecível'), *appreciable* ('apreciável'), *sociable* ('sociável'), *flexible* ('flexível'), *amiable* ('amável'), *variable* ('variável'), *actionable* ('acionável'), *amenable* ('receptivo'), *reasonable* ('razoável'), *seasonable* ('sazonal'), *personable* ('apresentável'), *miserable* ('miserável'), *venerable* ('venerável'), *inexorable* ('inexorável'), *favorable* ('favorável'), *pleasurable* ('agradável'), *palatable* ('palatável'), *tractable* ('tratável'), *delectable* ('delicioso'), *ineluctable* ('inevitável'), *salable* ('vendível'), *habitable* ('habitável'), *creditable* ('confiável'), *profitable* ('lucrativo'), *hospitable* ('hospitaleiro'), *charitable* ('caridoso'), *comfortable* ('confortável'), *reputable* ('de respeito'), *irascible* ('irritadiço'), *incredible* ('incrível'), *audible* ('audível'), *legible* ('legível'), *eligible* ('elegível'), *negligible* ('insignificante'), *intelligible* ('inteligível'), *indelible* ('inesquecível'), *horrible* ('horrível'), *visible* ('visível'), *sensible* ('sensato'), *responsible* ('responsável'), *accessible* ('acessível'), *possible* ('possível'), *plausible* ('plausível') e *compatible* ('compatível').

<sup>39</sup> Essa alternativa é obviamente programática, na medida em que a interpretação semântica permanece obscura. Entretanto, a necessidade de regras que relacionam estruturas profundas e interpretações semânticas (absolutas) parece evidente, e é perigoso embasar qualquer argumento no fato de que sabemos pouco sobre tais regras. Se não soubéssemos nada sobre Fonologia, seria tentador tentar explicar a forma fonética por meio de processos sintáticos muito mais elaborados. Conhecendo um pouco de Fonologia, podemos ver por que esse passo é desaconselhável.

<sup>40</sup> Como me foi apontado por E. Klima.

*ed on* ('pode-se confiar nele') –, a forma correspondente (53a) será excluída. De fato, há evidências que dão suporte a essa conclusão. Assim, não podemos derivar *John is believable (imaginable, expectable etc.) to have left* ('João é acreditável (imaginável, previsível etc.) de ter saído') a partir de SN *believes (imagines, expects) John to have left* ('SN acredita (imagina, espera) que João tenha saído'), embora um objeto profundo como *this claim* ('essa afirmação') possa aparecer no contexto \_\_\_\_ *is believable* ('\_\_\_\_ é crível'). Existem muitas questões em aberto a respeito dessas construções, mas a mim parece que o argumento em favor de uma análise transformacional para (53a) não é convincente.

Além disso, o argumento em favor de uma análise transformacional para (53b) a partir de (53a) é fraco também sob fundamentações independentes. Assim, é difícil ver como tal análise poderia explicar o fato de que *readability* ('legibilidade') pode se referir não a um fato, evento, processo etc., mas a uma propriedade. Assim, a oração *the readability of the book is its only redeeming feature* ('a legibilidade do livro é sua única característica redentora') não significa "(the fact) that the book is readable is its only redeeming feature" ('(o fato) de que o livro é legível é sua única característica redentora'). Embora, talvez, tais dificuldades possam ser superadas neste cenário atual; exemplos como (53a) e (53b) não me parecem oferecer um argumento sério contra a hipótese lexicalista.

A situação me parece semelhante no caso de (53c) e (53d). Exemplos como (53c) parecem fornecer o argumento mais forte em favor da análise transformacionalista para as formas derivadas; mas mesmo nesse caso, a questão está longe de ser clara. Considere, por exemplo, as sentenças em (55).

- (55) (a) John sent a self-addressed envelope.  
'João enviou um envelope autoendereçoado'
- (b) This is clearly a self-inflicted wound.  
'essa é claramente uma ferida autoinfligida'
- (c) The prophecy is self-fulfilling.  
'a profecia é autorrealizável'
- (d) Confrontations between students and administration are self-generating.  
'confrontos entre estudantes e a administração são autogerados'

(e) John is self-educated.

‘João é autodidata’

(f) John’s remarks are self-congratulatory.

‘os comentários de João são autocongratatórios’

(g) John’s actions are self-destructive.

‘as ações de João são autodestrutivas’

A sentença (55a) não significa que o envelope foi endereçado a si mesmo; o sintagma *self-addressed envelope* (‘envelope autoendereçoado’) pode ocorrer em sentenças em que não há absolutamente nenhuma origem sintática para *self* – *self-addressed envelopes are barred by law from the mails* (‘envelopes autoendereçoados são proibidos por lei pelos correios’). O mesmo vale para (55b), (55f) e (55g). A sentença (55c) não significa, estritamente falando, que a profecia cumpriu a profecia, o que não tem sentido; mas em vez disso, significa que ela levou a um cenário que cumpriu a profecia. No caso de (55d), a oração significa que certos confrontos geram outros confrontos do mesmo tipo; os confrontos não se geram sozinhos; (55e) não pode ser derivado por uma regra análoga àquela que supostamente forma (53c) a partir de (54b), uma vez que a forma subjacente postulada – *John was educated by himself* (‘João foi instruído por si mesmo’) – é descartada pelo princípio (seja ele qual for) que torna as construções passivas incompatíveis com reflexivização. Um argumento semelhante se aplica a (55g): a forma subjacente postulada – *John’s actions destroy himself* (‘as ações de João destroem ele mesmo’) – é descartada por condições gerais sobre a reflexivização. Além disso, uma série de formas como *self-conscious* (‘autoconsciente’), *self-proclaimed (enemy)* (‘inimigo autodeclarado’), *self-contained* (‘autossuficiente’), *self-evident* (‘autoevidente’), *self-esteem* (‘autoestima’), *self-explanatory* (‘autoexplicativo’), *self-important* (‘arrogante’), *self-seeking* (‘egoísta’) etc. faz com que a busca por uma análise transformacional geral de tais estruturas pareça mal concebida. A variedade e o caráter idiossincrático desses itens parecem ser do tipo característico do léxico; é difícil ver como eles podem ser explicados por regras sintáticas de qualquer caráter generalizador. Além disso, as dificuldades em derivar (53b) a partir de (53a) se estendem ao par (53c)-(53d).



A discussão até agora esteve restringida a nominalizações gerundivas e nominalizações derivadas e mal abordou uma terceira categoria que tem algumas propriedades peculiares, a saber, a das nominalizações do tipo ilustrado em (56).

- (56) (a) John's refusing of the offer  
      'ο recusar de João da oferta'  
      (b) John's proving of the theorem  
      'ο provar de João do teorema'  
      (c) the growing of tomatoes  
      'ο crescer de tomates'

Essas formas são curiosas em vários aspectos, e não está claro se a hipótese lexicalista pode ser estendida para abrangê-las. O fato de que essas formas, assim como as nominalizações derivadas, parecem ter a estrutura interna de sintagmas nominais sugere que a hipótese lexicalista devesse ser estendida. Dessa forma, o sujeito possessivo pode ser substituído por um determinante, como em (56c). Por outro lado, a inserção de adjetivos parece pouco natural nessa construção. Na verdade, há uma artificialidade em toda a construção que a torna bastante resistente a uma investigação sistemática. Além disso, essa construção é bastante limitada. Por isso, não podemos ter *\*the feeling sad* ('ο sentir-se triste'), *\*the trying to win* ('ο tentar vencer'), *\*the arguing about money* ('ο discutir sobre dinheiro'), *\*the leaving* ('ο sair') etc.

Em aparente conflito com uma extensão da hipótese lexicalista está o fato de que essas construções existem para certos verbos que estivemos derivando, em caráter especulativo, de verbos subjacentes intransitivos, como no caso de (56c), que é estruturalmente ambíguo, em contraste com a nominalização derivada (57), discutida anteriormente, que não é ambígua.

- (57) the growth of tomatoes  
      'ο crescimento de tomates'

Se a hipótese lexicalista for estendida para abarcar as formas em (56), então devemos supor que tanto *tomatoes grow* ('tomates crescem') quanto SN

*grows tomatoes* ('SN cultiva tomates') são formas de base. No entanto, para dar conta da interpretação de (57), bem como da relação do *grow* transitivo ('cultivar') e intransitivo ('crescer'), fomos levados a conceber SN *grows tomatoes* ('SN cultiva tomates') como uma construção causativa da estrutura subjacente *tomatoes grow* ('tomates crescem').<sup>41</sup> Essas várias suposições são mutuamente consistentes apenas se rejeitarmos a análise da estrutura causativa discutida anteriormente, que postula a estrutura de base (58) para *John grows tomatoes* ('João cultiva tomates'), e assumirmos, em vez disso, que a estrutura de base é (59).

- (58) John [+CAUSE] [<sub>s</sub> tomatoes grow]<sub>s</sub>  
       'João'                '[<sub>s</sub> tomates crescer]<sub>s</sub>'
- (59) John [+CAUSE, grow] tomatoes  
       'João [                crescer] tomates'

Em outras palavras, postulamos que existe um traço [+CAUSE] que pode ser atribuído a certos verbos, como uma propriedade lexical. Associadas a esse traço estão certas regras de redundância que são, nesse caso, universais e, portanto, não fazem parte da gramática do inglês; antes, estão entre os princípios pelos quais qualquer gramática é interpretada. Esses princípios especificam que um intransitivo com o traço [+CAUSE] se torna transitivo e que seus traços de seleção são sistematicamente reanalisados de maneira que o sujeito se torna o objeto. Princípios de redundância semelhantes se aplicam às regras de interpretação semântica associadas. Para explicar a distinção entre (56c) e (57), devemos restringir o traço [+CAUSE] em relação ao traço que distingue nominalizações derivadas como *growth* ('crescimento') de formas como *growing* ('crescer'), restringindo esse traço ao último caso. A menos que haja alguma base geral para a hierarquia assim estabelecida, a explicação oferecida anteriormente para a não ambiguidade de (57) é enfraquecida, uma vez que envolve uma etapa *ad hoc*. Não obstante, há uma explicação parcial e uma forma natural de formular um conjunto de fatos.

---

<sup>41</sup> Uma análise alternativa que deriva *tomatoes grow* de SN *grow tomatoes* não é plausível, pois implicaria que *children grow* ('crianças crescem') derivasse de \*SN *grows children* ('SN cultiva filhos') – cf. Chomsky (1965, p. 214).

Para resumir, três tipos de nominalizações foram abordados nesta discussão: as nominalizações gerundivas como (60), as nominalizações derivadas como (61), e as formas “mistas” como (62), que me parecem bastante esquisitas, embora bastante compreensíveis, quando também existe uma nominalização derivada.

- (60) John's refusing the offer  
'João recusar a oferta'
- (61) John's refusal of the offer  
'a recusa de João da oferta'
- (62) John's refusing of the offer  
'o recusar de João da oferta'

Com base nas evidências investigadas neste trabalho, a mim parece que a hipótese transformacionalista está correta para as nominalizações gerundivas; e a hipótese lexicalista, para as nominalizações derivadas e, talvez, para as formas mistas – embora de uma forma muito menos clara. Essa conclusão tem uma série de consequências para a teoria linguística em geral e para a análise da estrutura do inglês. Este texto fornece um estudo de caso do conjunto de problemas que emergem quando a teoria linguística é elaborada de modo a incorporar tanto transformações gramaticais quanto traços lexicais.

### Referências

- ANNEAR, S.; ELLIOT, D. *Derivational morphology in Generative Grammar*, 1965.
- CHAPIN, P. *On the syntax of word derivation in English*. Tese de Doutorado – MIT, 1967.
- HARRIS, Z. S. *Methods in Structural Linguistics*. Chicago: University of Chicago Press, 1951.
- HASEGAWA, K. The passive construction in English. *Language*, v. 44, n. 2, p. 230-243, 1968.
- KENNY, A. *Action, emotion, and will*. Routledge, 1963.

KIPARSKY, C.; KIPARSKY, P. *Fact*, 1967.

LAKOFF, G. *On the nature of syntactic irregularity*. Tese de Doutorado – Harvard University, 1965.

LAKOFF, G. *Some verbs of change and causation*, Harvard Computation Laboratory Report, NSF-20, Cambridge, 1966.

LAKOFF, G.; Peters, S. *Phrasal conjunction and symmetric predicates*, Harvard Computation Laboratory, NSF-20, 1966.

LANGENDOEN, D. T. *The syntax of the English expletive 'it'*. Georgetown University Monographs in Languages and Linguistics 19. Washington, 1967.

LEES, R. B. *The grammar of English nominalizations*. Mouton, 1960.

Mc-CALEY, J. D. *How to find semantic universals in the event that there are any*, 1967.

PARTTEE, B. H. *Subject and object in Modern English*. Tese de Doutorado – MIT, 1965.

POSTAL, P. Review of R. M. W. Dixon. 'Linguistic Science and Logic', *Language*, v. 42, n. 1, pp. 34-93, 1966.

ROSENBAUM, P. S. *The grammar of English predicate complement constructions*. Cambridge: MIT Press, 1967.

ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. Tese de Doutorado – MIT, 1967. WEINREICH, U. Explorations in Semantic Theory. In SEBEOK, T. A. (ed.). *Current trends in Linguistics*. Mouton, 1966. v. 3.

[Tradução recebida em 14 de fevereiro de 2023 e aceita em 12 de junho de 2023.]